



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO- UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS- ICSA
GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL



LAURA ISABELA FIDELES PEREIRA

MONOGRAFIA

**RESISTÊNCIAS NEGRAS: UMA ANÁLISE SOBRE MÚSICA E MODA NO
PERFIL AFRICANIZEOFICIAL**

MARIANA-MG
2024

LAURA ISABELA FIDELES PEREIRA

**RESISTÊNCIAS NEGRAS: UMA ANÁLISE SOBRE MÚSICA E MODA NO
PERFIL AFRICANIZEOFICIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Serviço Social
da Universidade Federal de Ouro Preto
como requisito à obtenção do título de
bacharel em Serviço Social.

Área de concentração: Serviço Social

Orientadora: Dr^a Isis Silva Roza

MARIANA – MG
2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P436r Pereira, Laura Isabela Fideles.
Resistências Negras [manuscrito]: uma análise sobre música e moda
no perfil Africanizeoficial. / Laura Isabela Fideles Pereira. - 2024.
76 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Isis Silva Roza.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

1. Mídia digital. 2. Moda. 3. Músicos negros. 4. Negros. 5. Negros -
Identidade racial. 6. Resistência na arte. I. Roza, Isis Silva. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 305(=013)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura Isabela Fideles Pereira

Resistências negras: uma análise sobre música e moda no perfil Africanizeoficial

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social

Aprovada em 11 de outubro de 2024

Membros da banca

Dra. Isis Silva Roza - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Raquel Mota Mascarenhas - Universidade Federal de Ouro Preto
Ms. Sálvia Karen dos Santos Elias

Isis Silva Roza, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Isis Silva Roza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/11/2024, às 20:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0797883** e o código CRC **9723AA9A**.

*Dedico este trabalho a Deus, à minha família e aos companheiros
de vida que me fortalecem diariamente.*

AGRADECIMENTOS

Ao entender que sou uma pessoa abençoada através da realização de diversos sonhos e em todo processo estar cercada de pessoas incríveis, venho apresentar meus carinhosos e mais humildes agradecimentos por ter a presença de cada um na minha vida, que me engrandece e me enche de amor diariamente.

Destaco, primordialmente, o bem mais precioso da minha vida, minha família, o meu muito obrigada por tudo.

À vida e à amizade dos meus pais, Regina Fideles e Paulo Pereira, que me conduziram no melhor caminho possível, os agradeço imensamente por isso. Percurso de luz, sabedoria e amor em que me desenvolvi, inspirei e sigo aprendendo com vocês sobre amor, humildade e tantos outros adjetivos incríveis que vocês me proporcionam a cada dia. Obrigada por terem confiado em mim nesta jornada como sempre fizeram e terem oferecido até mais do que precisava durante este processo.

A Deus, por me abençoar e fortalecer a cada dia, e colocar as melhores pessoas do meu lado.

À minha querida irmã, Sandra Fideles, que está comigo em todas as etapas da minha vida me auxiliando em todos os momentos me ensinando e fortalecendo a cada dia e confiando em mim em tudo. Você é exemplo de humildade e amizade, e sou grata a Deus por sua vida e por ele ter me escolhido para dividi-la com você.

A Deus pela vida de Cissa e Lalá que fazem meus dias serem melhores através apenas das risadas, meu carinhoso e profundo obrigado por serem tão incríveis, desejo que o mundo seja melhor quando vocês crescerem.

Ao Emerson, presente que esta jornada me herdou, obrigada por ter sido meu porto seguro, obrigada por me ensinar tanto a cada dia, obrigada pela paciência, afeto e cuidado. À minha querida amiga, Laís, presente do Serviço Social, a qual me auxiliou nos momentos mais difíceis e compartilhou os momentos mais alegres comigo, a vocês dois o meu muito obrigada por terem tornado esse período mais feliz e leve.

À minha família tias (os), primas (os) e demais familiares o meu muito obrigada por toda construção, apoio e ensinamento.

Às minhas amigas que estiveram comigo desde o ensino básico e as amigadas que foram construídas ao longo do tempo, muito obrigada, vocês são fundamentais.

À minha querida orientadora, Isis, que desde o início da graduação foi um exemplo de professora e ser humano, que confiou na minha capacidade me proporcionando aprender com mais esta etapa extremamente importante na minha vida, o meu muito obrigada pelo cuidado, atenção e carinho.

Às queridas professoras, Adriana e Raquel, obrigada por serem docentes essenciais para a formação de cada discente do curso de Serviço Social, obrigada pelas contribuições e ensinamentos que atravessam a vida acadêmica, os quais levarei para a vida.

Aos demais docentes do curso de Serviço Social meu agradecimento por todo ensinamento.

A todos com muito carinho, amor, gratidão e humildade, muito obrigada.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa levantar e analisar as estratégias culturais de resistência negra na moda e na música a partir do perfil do Instagram Africanizeoficial. Algumas publicações do perfil que destacam a presença negra nesse âmbito cultural compõem o rol de análise. Realizamos um resgate sócio histórico da realidade brasileira, destacando a formação violenta e exploradora contra os povos negros e originários. Em contraposição, a valorização do branco e o projeto de embranquecimento cultural da sociedade, o que gera resistências, que se manifestam em diferentes tempos históricos e em diversas áreas. Parte-se do pressuposto, na presente pesquisa, de que as mídias digitais trazem novas possibilidades de construção de narrativas próprias da população negra. Foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e documental de forma a alcançar os objetivos propostos.

Palavras-chaves: Resistência negra; moda e música; escravização; formação sócio-histórica; Mídias digitais.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) aims to survey and analyze the cultural strategies of black resistance in fashion and music based on the Instagram profile Africanizeoficial. Some profile publications that highlight the black presence in this cultural context will make up the analysis paper. We carry out a socio-historical recovery of the Brazilian reality, highlighting the violent and exploitative formation against black and indigenous peoples. In contrast, the valorization of white people and the project of cultural whitening of society, which generates resistance, which manifests itself in different historical times and in different areas. The present research assumes that digital media bring new possibilities for constructing narratives specific to the black population. Bibliographic and documentary research was used to achieve the proposed objectives.

Keywords: Black resistance; fashion and music; enslavement; socio-historical formation; Digital Media.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Capa da ELLE Brasil 2022 com Tasha e Tracie | 49 |
| Figura 2: Capa da ELLE VIEW 2024 | 50 |
| Figura 3: Post do perfil africanize sobre a capa ocupada por Erika Hilton | 58 |
| Figura 4: <i>Post</i> do perfil africanize sobre o prêmio BET Awards | 58 |
| Figura 5: <i>Post</i> do perfil africanize sobre o show da rapper Duquesa em Paris | 58 |
| Figura 6: <i>Post</i> do perfil africanize sobre o show da Ludmilla no Rock in Rio..... | 58 |
| Figura 7: <i>Post</i> do perfil africanize aborda a presença de Agnes Nunes na capa da revista Glamour | 58 |
| Figura 8: Post do perfil Africanize sobre o novo álbum da artista Liniker | 58 |
| Figura 9: <i>Post</i> sobre show de MC Soffia no festival Rock in Rio | 58 |
| Figura 10: <i>Post</i> do perfil Africanize destacando o encontro dos artistas Milton Nascimento e Djonga..... | 58 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Dados sobre o levantamento e análise das publicações do perfil Africanizeoficial | 57 |
|--|----|

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|------------------|--|
| ABEPSS | ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL |
| ACN | ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO |
| ACN | ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO |
| BET | BLACK ENTERTAINMENT TELEVISION |
| BPP | BLACK PANTHER PARTY |
| CFESS | CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL |
| CRESS | CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL |
| FNB | FRENTE NEGRA BRASILEIRA |
| ENEM | EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO |
| IBGE | INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA |
| MC | MESTRE DE CERIMÔNIA |
| MPB | MÚSICA POPULAR BRASILEIRA |
| RAP | RITMO E POESIA |
| R & B | RHYTHM AND BLUES |
| TCC | TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO |
| UFMG | UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS |
| UFOP | UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO |
| UFRJ | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO |
| UNICAMP | UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS |
| USP | UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO |
| UPP | UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA |
| URCA | UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. RAÇA, RACISMO E A BRANQUITUDE NO BRASIL | 17 |
| 2.1 Raça e racismo: a formação desigual do Brasil..... | 17 |
| 2.2 Branquitude e embranquecimento cultural: uma prática de manutenção de poder | 26 |
| 3. RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA | 32 |
| 3.1 Resistência cultural negra: um caminho sobre as práticas culturais negra..... | 32 |
| 3.2 A resistência cultural negra na moda e na música: espaços de resistência e lazer | 39 |
| 3.3 Mídias digitais / redes sociais: possibilidades de diversidade..... | 51 |
| 3.4 Africanizeoficial: perfil de exaltação negra no Instagram | 54 |
| 3.5 Expressões artísticas no mundo da música e moda a partir do perfil do Instagram Africanizeoficial..... | 55 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 71 |

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda uma temática presente em minha jornada de vida desde muito nova, sendo a cultura e resistência negra, através da moda e da música, uma abordagem importante na minha construção e visão de mundo. A música, tendo como influência meus pais, desde o samba com Alcione à Música Popular Brasileira (MPB) com Milton Nascimento, entre demais artistas nacionais e internacionais que estiveram presentes na minha infância e adolescência. A moda tem relação direta com minha conexão com a música, o que se expressa nos clipes e nas redes sociais.

Dentre diversos artistas nacionais e internacionais que me inspiraram, ao mergulhar mais em artistas negros e negras que gostava, entendi o quanto me fizeram entender muito também da minha própria negritude. Ao ver artistas de música e moda, ao escutá-los e acompanhar seus passos na moda, fui criando novas referências sobre ser negra. Dentre tantos artistas incríveis encontrados no Brasil e ao redor do mundo, alguns desses Kanye West, Pharrell, Rihanna e Tasha & Tracie, que construíram um importantemovimento na música brasileira e internacional, quanto na moda.

Esses são alguns exemplos de expressão de luta e resistência negra, que me incentivaram e incentivam a ser quem eu sou, pelo fato de serem pessoas que cresceram com o racismo presente em suas vidas, mas que enfrentaram as condições postas pelo sistema capitalista com luta, sistema esse que se utiliza do racismo para inibir qualquer tipo de ascensão de pessoas negras.

Sendo inserida no cursinho de pré-Enem no instituto Educafro pude desenvolver discussões sobre a temática que me ajudaram a entender o que era ser negra. As indagações voltadas para a questão racial foram intensificadas ao entrar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a partir das discussões de raça presentes em algumas matérias da graduação, principalmente nas disciplinas Raça, Etnia, Gênero e Sexualidades e Capitalismo, Pobreza e Gestão da Barbárie, a qual proporcionou a elaboração do ensaio teórico sobre música a partir de artistas negros, que me fizeram ter um olhar mais aprofundado sobre a realidade social que nosso povo tem sofrido, mas que também tem lutado há séculos.

Com a inserção na universidade, observei no cotidiano a realidade que estava ao meu redor, os corredores e espaços que eram ocupados por pouquíssimas pessoas negras era também uma realidade dos docentes e não somente dos discentes. Visto que, como aluna do último período do curso tive apenas alguns professores não brancos ministrando

as disciplinas, o que de fato é um panorama que é espelho da sociedade racista.

Como forma de resistência, as pessoas negras sempre estiveram ligadas a música e a moda, mas de fato sempre foram inferiorizadas ao exercê-las. Nesse sentido, o presente Trabalho de Conclusão de Curso se apresenta como parte de um esforço coletivo na explicitação da importância da resistência negra a partir da cultura, moda e música, abordadas nas redes sociais.

É importante ressaltar a importância de pesquisas que tratem sobre questão étnico-racial a partir de um viés positivado e diverso, pois podem ser chaves fundamentais que provocam pequenos, mas importantes deslocamentos na sociedade, de combate ao racismo e possivelmente materialização de lazer. Nesse sentido, é necessário discutir o racismo presente no Brasil, as questões que estruturam o estado brasileiro e colocam as pessoas pretas em total desigualdade, desde o momento do tráfico de pessoas africanas até os dias atuais, mas se faz igualmente necessário ressaltar que são pessoas que desde então lutam pela sua liberdade e para poder demonstrar sua cultura e arte como forma de resistência.

A população negra tem relação intrínseca com a música e estética, entre as demais formas de expressar sua cultura. Assim, é interessante ressaltar que por muito tempo expressar tais movimentos foi considerado crime e algo ruim em razão do branco ser a referência a ser seguida, o “positivamente ” aceito na sociedade, vale mencionar que no pós-abolição, o próprio estado brasileiro criminalizou a partir do código penal de 1890, as práticas culturais do negro, tendo o samba e a capoeira por exemplo definidos como criminalidade.

Utilizaremos como referência o perfil do Instagram africanizeoficial, que utiliza a plataforma para abordar assuntos voltados *para e sobre* pessoas negras e que compõe a resistência das comunidades negras. Nesse espaço, identificamos expressões da resistência negra especialmente através da cultura, que também é política.

Nesse viés, é interessante ressaltar que perfis nas mídias sociais abordando temáticas pessoais de pessoas negras e da cultura negra, atingem grandes públicos, e trazem contribuições importantes, ao se tornarem referências para pessoas negras, historicamente apagadas e/ou sub-representadas em espaços de prestígio social.

A moda está cada vez mais presente na vida das pessoas através das redes sociais. A moda tem trazido movimentações positivas para a cultura negra, visto que, há muito pouco tempo, somente eram vistas pessoas brancas ocupando esses lugares de referência de beleza. Tais presenças não eliminam a prática do racismo, mas criam possibilidades

de indagação e de tensionamentos.

A música é outra dimensão histórica de resistência, sendo um dos movimentos artísticos mais cultuados pela população negra. De acordo com a matéria do Geledes¹, são diversos os gêneros musicais importantes na resistência do povo negro desde o período da escravização, como o samba, hip-hop, funk e rap. A música impacta, inspira, transforma vidas, é um território de disputas, lutas e resistências.

O perfil do Instagram definido para a análise, africanizeoficial, apresenta uma diversificação de publicações com temáticas de pessoas pretas na música, moda, humor entre outros assuntos diversos. A página, que conta com mais de 1,6 milhões de seguidores e 15.000 postagens comemora em sua bio do perfil os milhões de seguidores que falam sobre negritude, apresenta diversificados posts que exaltam e ampliam conhecimentos sobre pessoas negras na cultura e entretenimento, o que compreendemos como estratégia relevante de combate a preconceitos e ao racismo.

Quanto ao Serviço Social, é fundamental fortalecermos o debate antirracista na profissão, vale mencionar o trabalho realizado pelo conjunto CFESS-CRESS através dos comitês antirracistas que além de realizar encontros para discussões da temática disponibiliza normativas e publicações como base fundamental para termos uma evolução na discussão sobre a temática. Também aliada a questão racial, a ABEPSS desenvolveu um importante salto na profissão com o lançamento da plataforma antirracista, a qual potencializa a formação em Serviço Social e o seu exercício através de subsídios e referências na temática antirracista e anticapitalista.

Este processo esse que esta associado ao projeto ético-político e a perspectiva de emancipação humana. Conhecer a cultura negra e suas estratégias de resistência pode ser parte do caminho para abrir espaços de soma na luta política contra o racismo e na valorização da cultura negranos diversos territórios.

No bojo de contribuir para isso, o objetivo geral desta pesquisa *é levantar e analisar as estratégias culturais de resistência negra na moda e na música a partir do perfil do Instagram Africanizeoficial*. Por sua vez, os objetivos específicos são: a) analisar os impactos do embranquecimento cultural para a população negra. b) compreender o significado de resistência cultural paraas comunidades negras. c) analisar, a partir do perfil do Instagram Africanizeoficial, como a moda e a música negra são abordadas. Para análise da realidade posta, utilizaremos o método Materialista Histórico

¹ PORTAL GELEDÉS. **A musicalidade negra como resistência**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/musicalidade-negra-como-resistencia/>. Acesso em: 8 de maio, 2024.

Dialético. Entendendo a importância da construção crítica dos debates sobre raça serem analisados de forma a aprofundar o contexto geral, em uma perspectiva de totalidade, é válido notar que, como destaca Cristiane Souza (2021):

Nesta sentença se explicita a perspectiva crítica de Marx em relação ao racismo e do seu papel na dominação do conjunto dos/as trabalhadores/as, a qual tanto os detratores de Marx quanto muitos marxistas negligenciam, mas que cumpre ser colocada no centro das análises, principalmente em países marcados pelo colonialismo e pela escravidão, como é o caso dos da América Latina. (Souza, 2021, p. 31)

A consideração da autora é fundamental para a compreensão da realidade concreta de países de capitalismo dependente e periférico, para que estes estudos estejam coesos às construções de uma nova ordem societária. Analisando estas conexões com o pensamento de Marx, o Método Materialista Histórico Dialético será utilizado para uma compreensão mais crítica da realidade, ressaltando as contradições do modo de produção capitalista.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, segundo o autor José Neves (NEVES, 1996, p. 1):

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (Apud Tabor, et al, 1979, p.520).

A pesquisa bibliográfica, a partir de estudos já realizados sobre as temáticas aqui definidas, será fundamental como forma de contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa. Como definido por Gil (1987) a pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (Gil, 1987, p. 71)

A utilização deste meio de orientação será fundamental para explicitar as opiniões de autores de referência na temática escolhida, através de referências que tratam de forma crítica e aprofundada a questão racial no país. Estaremos atentas ao uso de autores negros e negras, tendo em vista o histórico silenciamento desses sujeitos na academia.

Utilizaremos, ainda, da análise documental para compreendermos as publicações voltadas para moda e música no perfil do Instagram africanizeoficial, que aborda temáticas da cultura negra e a sua resistência nas mídias sociais. Os critérios para definir as publicações serão postagens que terão o destaque negro e estejam relacionadas a

temática do mundo da moda e da música.

2. RAÇA, RACISMO E A BRANQUITUDE NO BRASIL

O presente capítulo evidencia uma luta racial de séculos, apresentando a construção da imposição de colonialistas com o viés de modernidade para com o povo originário e negro e a sua escravização. A escrita também ressalta os atos que o estado brasileiro conduziu para a marginalização do povo preto no pós abolição de 1888, impactando a realidade social até os dias atuais. Ressaltamos a importância do conceito racismo estrutural para compreendermos o modo de produção capitalista e suas expressões na realidade brasileira. Trataremos ainda sobre o pacto da branquitude, a estruturação de vantagens e privilégios a pessoas brancas, de forma a manter as hierarquias raciais, em detrimento da população negra.

2.1 Raça e racismo: a formação desigual do Brasil

A ideia de raça foi construída na modernidade, a partir do século XVI, de forma que fosse possível criar distinção e hierarquização entre os seres humanos. A modernização, ideia predominante na Europa daquele período, criou hierarquias também entre os territórios, colonizadores e colonizados, acirrando processos de violência contra povos originários das américas e negros.

A visão posta dentro da ideia de modernidade desenvolvida pelos países europeus estava associada à expansão do capitalismo, como cita Silvio de Almeida em seu livro “O que é racismo estrutural? ”:

Esta mesma civilização que, no século seguinte, seria levada para outros lugares do mundo, para os primitivos, para aqueles que ainda não conheciam os benefícios da liberdade, da igualdade, do Estado de direito e do mercado. E foi esse movimento de levar a civilização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão e a que se denominou de colonialismo (Almeida, 2018, p.21)

É notório que o pensamento europeu foi difundido, criando submissões em diferentes pontos do planeta. Cabe destacar que Silvio de Almeida (2018) traz o importante historiador Achille Mbembe para tratar sobre a inserção dos países colonizados no processo de modernização do mundo, relatando que o colonialismo foi um processo de universalização e inserção dos países na modernidade, no entanto, o que foi visto foi a construção de uma modernização onde se tem violência e a construção do antiliberalismo, visto que, seu desenvolvimento foi fundamento da violência dos povos.

Na realidade brasileira, que se insere na modernidade enquanto país colonizado, é notória uma prática de superioridade dos europeus para com os nativos indígenas e, posteriormente, com os negros escravizados dos países africanos. Sendo esse o momento em que se inicia a construção da marginalização e inferiorização desses povos nas Américas.

É interessante destacar a ideia do autor Enrique Dussel (1993) que apresenta a ideia do mito da modernidade em seu livro “1492 O encobrimento do outro. A origem da modernidade: Conferências de Frankfurt”. Criou-se um discurso de que os brancos evoluídos levariam o avanço e o progresso para o restante da humanidade, quase uma forma de caridade, para que os povos não europeus tivessem também acesso à civilização e ao desenvolvimento.

Os países potencializam a modernização do mundo, que foi aperfeiçoada a partir da implementação de diversas formas de violência para com as populações denominadas *outros* pelos homens brancos europeus. A colonização foi um movimento de violência de variados tipos, que gera inferiorização do *outro* – não branco – até os dias atuais, em detrimento do endeusamento e encantamento do branco e de tudo que está associado a este grupo. O autor Dussel explica:

A colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo “europeu” de “modernização”, de civilização, de “subsumir” (ou alienar) o Outro como “si-mesmo”; mas agora não mais com o objeto de uma práxis guerreira, de violência pura – como no caso de Cortês contra os exércitos astecas, ou de Pizarro contra os incas -, e sim de uma práxis erótica, pedagógica, cultural, política, econômica, quer dizer, do domínio dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos de instituições criadas por uma nova burocracia política, etc., dominação do Outro. (Dussel, 1993, p.50)

Essa citação orienta o que foi o século XVI, que exerce um papel importante de nortear a trajetória do que foi e o que viria a ser a construção do Brasil e o racismo enraizado desde a invasão dos portugueses nas terras indígenas.

A modernidade foi e ainda é a implementação de violência e dor para as populações de corpos e territórios denominados nas periferias do mundo, como notório no Brasil. Como levantado pelo autor, a conquista espiritual aborda uma violência de tentar extinguir toda forma de exercer a cultura, crenças e memórias do povo considerado não desenvolvido e os colocando cada vez mais em um patamar de inferioridade em todos os aspectos. Almeida observa as camadas do racismo na sociedade e sua problemática na sociedade:

(...) o domínio se dá com estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, a aparência e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2018, p. 31)

As pessoas negras estão colocadas em inferioridade em sua própria existência na reprodução da vida social. A construção do racismo é a base da formação social de países como o Brasil. É nítido que a partir dessas condições postas, a partir da reprodução da colonialidade, as diferentes expressões de cultura da população negra são inferiorizadas perante a construção de um contexto histórico, em que se criminaliza as pessoas por exercerem suas práticas culturais.

Tendo em vista as diversas leis desenvolvidas para a segregação entre pessoas negras e brancas no período da escravização e pós escravização, conforme documento produzido pelo Frei David Santos Ofm (2014), diretor executivo da instituição Educafro, ressaltamos: a lei complementar de 1824, no período do Brasil Império, que proibia a presença dos negros nas escolas, utilizando a justificativa de que pessoas negras poderiam passar doenças contagiosas para a população branca. Como citado no texto (SANTOS, 2014), é notório que as pessoas que estavam no poder sabiam da importância da educação como forma de ascensão social, portanto, para a pessoa negra isso era inaceitável.

Até os dias de hoje, ao ver os números do sistema educacional brasileiro, é nítido o recorte racial dos jovens negros e pobres em desvantagens. Na matéria realizada pelo Fantástico², sinaliza-se com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), que a porcentagem de negros que formam no Ensino Médio é o mesmo número que alunos brancos formados no Ensino em 2012, ou seja, alunos negros estão dez anos atrasados em relação a formação de estudantes brancos.

Vale ressaltar que negros e pardos são a maioria no país e são a maioria pessoas pobres, isso tendo em vista os dados da Agência IBGE³ que ressalta: “Entre as pessoas de cor ou raça preta ou parda, 40,0% eram pobres em 2022, um patamar duas vezes

² G1. Jovens negros estão dez anos atrás dos estudantes brancos no ensino médio, diz IBGE. G1, 2023. Disponível em :<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/30/jovens-negros-estao-dez-anos-atras-dos-estudantes-brancos-no-ensino-medio-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 05 janeiro, 2024.

³ IBGE. **Pobreza cai para 31,6% da população em 2022, após alcançar 36,7% em 2021.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38545-pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcancar-36-7-em-2021#:~:text=O%20percentual%20de%20pessoas%20em,7%20milh%C3%B5es%20na%20extrema%20pobreza>. Acesso em: 05 janeiro de 2024.

superior à taxa da população branca (21%).” É válido destacar que esses dados interferem diretamente no distanciamento escolar, sendo também um problema muito relacionado à renda das famílias negras, visto que, muitos alunos abandonam sua jornada estudantil na tentativa de auxiliar na renda familiar. Visto que, de acordo a matéria da BBC News de 2023 mesmo com a materialização do Bolsa Família, programa que reduziu a pobreza nacional, o negro esta em maioria na condição de pobreza no país, sendo de 45 milhões de brasileiros 32,5 milhões são de pessoas negras nesta condição desigual.

Outro elemento de segregação brasileira é a Lei de terras de 1850, que dificultava e quase extinguiu a possibilidade de pessoas negras e pobres terem acesso a terras, visto que, neste período somente era possível ser dono de terra através da compra, sendo seu acesso privado, o que era uma medida que dificultava a conquista da terra pelo fato das pessoas negras estarem no período de pós escravização sem nenhuma reparação. Esta condição do não acesso digno é questão posta para esse grupo marginalizado até os dias atuais, como afirma Menegat e Balbino (2017, p.337) “O preconceito racial determinou, para os negros, o pior lugar seja na estrutura produtiva ou no território. ”

Com a Guerra do Paraguai, que persistiu de 1864 a 1870, a violência foi exemplificada pelo Frei como: “Foi um dos instrumentos usados pelo poder para reduzir a população negra do Brasil. ” (David, 2014, p. 3). Esta frase resume perfeitamente o entendimento do que foi a guerra para a população negra, visto que, foi utilizado o discurso de que se os voluntários da pátria retornassem, os negros ainda escravizados receberiam a sua liberdade, e os que eram livres, a terra. No entanto, nesta guerra sangrenta houve milhares de negros mortos, vale destacar que não eram todos que detinham o conhecimento com armas e com práticas militares.

A lei do ventre livre, de 1871, garantia que a partir desta data, todos os filhos de escravizados nasceriam libertos, no entanto, isto na prática colocou as crianças em instituições, na medida em que retirava dos senhores de engenho a responsabilidade de cuidar dos filhos de seus escravizados. Outrora, seguiam servindo aos senhores junto de seus pais.

A lei do Sexagenário de 1885, difundida amplamente como uma bondosa dos senhores para com os escravizados, definia que os negros ao completarem 60 anos teriam a liberdade conquistada. No entanto, além da questão dessas pessoas serem colocadas à mercê nas ruas das cidades, sem moradia e trabalho e com a idade avançada, criando um grupo de idosos em situação de rua, foi ainda uma lei limitada pela baixa expectativa de

vida da população negra escravizada.

No decreto 528 de 1890, das imigrações europeias, nota-se uma intenção de branqueamento da população brasileira, ao estimular a migração europeia como força de trabalho em detrimento da população negra. Assim como afirma Frei David.

No dia 28 de junho de 1890 a reabertura do país às imigrações européias e definir que negros e asiáticos só poderiam entrar no país com autorização do congresso. Esta nova remessa de europeus vai ocupar os trabalhos nas nascentes indústrias paulistas e assim os europeus pobres usados mais uma vez para marginalizar o povo negro. (David, 2014,p.5)

Proclamada a república em 1889, este período de primeira república permaneceu com a manobra do Estado de marginalização do povo preto em todos os quesitos de necessidades humanas para sobrevivências. Este período foi da materialização da Lei do sexagenário e também das imigrações europeias, que faziam parte do desejo de que a formação brasileira fosse embranquecida e que aos poucos excluísse a presença dos povos não brancos. Nesse sentido, é interessante destacar que diante os diversos tipos de violência para que a extinção dos povos considerados inferiores na sociedade brasileira - indígenas, negros e mestiços - ocorresse, esses foram os grupos que estiveram sempre à frente do movimento de luta para sua sobrevivência. Assim, mesmo em um período de ideias eugenistas, houve diversos movimentos de revoltas populares, como a revolta de canudos.

Tal revolta foi formada, principalmente, por ex-escravizados no sertão da Bahia, essas pessoas faziam parte de um grupo que questionava melhores condições de vida e Canudos foi um refúgio para os que se revoltaram com a situação. No entanto, o governo do estado agiu com extrema violência, colocando até mesmo o exército brasileiro para exterminar essas pessoas. Entre demais guerras e movimentos populares que ocorriam nesse período da sociedade brasileira, essas organizações enfrentavam diretamente os passos que o Estado brasileiro construía de afastamento do negro nos âmbitos sociais, políticos e econômicos.

A criação de organizações de mobilização negra foi fundamental para o tensionamento de melhorias e criação de políticas voltadas às pessoas negras. O historiador Petrônio Domingues, (2007) vai definir essa formação como:

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento

negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (Domingues, 2007, p. 101)

Essas formações inicialmente foram associações, em diversos estados brasileiros, que ao decorrer do tempo desenvolveram mecanismos de dar voz à população negra, como através da imprensa negra. O autor destaca que até 1930, o estado de São Paulo tinha 31 jornais circulando na cidade, esses meios de comunicação foram essenciais para denunciar as violências postas pelo Estado brasileiro. Em 1931, com uma das frentes voltadas para a igualdade racial no país, surge a Frente Negra Brasileira (FNB) com lideranças importantes para a formação brasileira, como Abdias Nascimento. No entanto, com o Estado Novo de Getúlio Vargas esse movimento é extinto, mas tais organizações voltam após o governo autoritário do então presidente.

Nestas considerações do período colonial, imperial e início da república, são nítidas algumas das estratégias utilizadas para manter a população negra em espaços periféricos e marginalizados. Essas ações compõem parte de um cenário favorável de reprodução das desigualdades raciais e do racismo.

Vale mencionar que essas práticas citadas durante esse período de expropriação, a qual é destrinchada por Marx como,

Por outro lado, no entanto, esses recém-libertados só se convertem em vendedores de si mesmos depois de lhes terem sido roubados todos os seus meios de produção, assim como todas as garantias de sua existência que as velhas instituições feudais lhes ofereciam. E a história dessa expropriação está gravada nos anais da humanidade com traços de sangue e fogo. (MARX, 2013, p. 962)

Tal período de expropriação do corpo e da alma dos povos negros e originários impactam até os dias atuais, entendendo que, a construção da sociabilidade influencia diretamente no que é o Brasil hoje. Nisso, questões como sistema educacional desigual, o genocídio da população negra com a justificativa de guerra, a desigualdade no acesso à saúde de crianças, homens e mulheres pretos são consequências dessa construção histórica racista e segregada. Existe um projeto político para que esses feitos continuem sendo intensificados na vida dessas pessoas de forma atualizada e que dificulta a inserção e ascensão social em lugares denominados, historicamente, como lugares de brancos.

Como afirma Kabengele Munanga (2006, p.53) “O nó do problema está no

racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente.” Assim, como afirma o autor, além de utilizarem a raça como conceito para inferiorizar determinada pessoa e/ou grupo, é notório também o racismo baseado nas diferenças culturais destes grupos considerados inferiores. Acerca disso, Almeida destaca a disputa de poder por trás da construção das relações raciais: “Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (Almeida, 2018, p. 19). Desse modo, evidencia-se que raça nas diversas nações é envolta de conflitos, tendo em vista, as diferenças entre os considerados civilizados e os ditos primitivos.

A partir dessa consideração, o autor expõe questões fundamentais para compreensão do racismo como estrutural, conceito que explica o entendimento de como esta violência está inteiramente ligado às estruturas da sociedade, para isso, o autor explica:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção*. (Almeida, 2018, p. 38)

Como observado, as estruturas no Brasil têm como base o racismo, desse modo, influencia diretamente os demais segmentos sociais da sociedade. Ao apresentar as dinâmicas do racismo estrutural o mesmo reitera a importância da auto responsabilização do indivíduo para a transformação da estrutura social da sociedade. Visto que, entender que o racismo é parte das estruturas sociais não isenta as pessoas desse compromisso, segundo o autor (Almeida, 2018, p. 40) “Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas”.

Assim, é possível perceber diversos pontos que são fundamentais para a preservação da estrutura da sociedade capitalista e a naturalização da desigualdade, tendo em vista, que os diversos conflitos postos na sociedade como de raça, gênero e classe são essenciais para a preservação do capitalismo.

Como ponto fundamental para destacar o racismo na contemporaneidade brasileira, é interessante destacar o desemprego e a precarização do trabalho. O trabalho na sociedade capitalista é meio de sobrevivência, visto que, é a partir da venda da sua força de trabalho que você consegue ter um lar e alimentar-se. Neste sentido, Abdias do Nascimento, em seu livro o genocídio do negro brasileiro (NASCIMENTO, 1978) aborda a questão do desemprego quando diz:

Até 1950, a discriminação em empregos era uma prática corrente, sancionada pela lei consuetudinária. Em geral os anúncios procurando empregados se publicavam com a explícita advertência: "não se aceitam pessoas de cor." Mesmo após a lei Afonso Arinos, de 1951, proibindo categoricamente a discriminação racial, tudo continuou na mesma. Trata-se de uma lei que não é cumprida nem executada. Ela tem um valor puramente simbólico. Depois da lei, os anúncios se tornaram mais sofisticados que antes: requerem agora "pessoas de boa aparência". (Nascimento, 1978, p.82)

É relevante associar esse escrito do autor como atemporal, visto que, são resquícios presentes nas instituições atualmente. Muito corriqueiro até hoje, essas práticas tentam ao máximo esconder, muita das vezes, os traços negroides de pessoas racializadas em empresas. São micro agressões que pessoas negras sofrem cotidianamente nos ambientes de trabalho sendo executadas como tom de brincadeira ou até mais endurecido. Tal prática é um movimento que fomenta o movimento de branquitude devido a menosprezar determinadas características fenotípicas e impor que os padrões sociais que devem ser aceitos são os traços brancos.

Dessa maneira, é destacado que a questão racial e o capitalismo são inteiramente ligados, são crescentes as novas camadas de trabalho sucateado com vínculos frágeis. Os quais também são ocupados por corpos racializados que lutam diariamente para a sua sobrevivência em um sistema que expropria, incluindo, as suas necessidades básicas.

Assim, destaca brilhantemente a autora Lélia Gonzalez o resultado desta ainda permanente desigualdade nas instituições sobre a juventude e o desemprego estrutural da sociedade brasileira (1979, p. 2) “sua única perspectiva se constitui no banditismo e na morte.”. Ou seja, desenvolvem também o que o estado brasileiro atua diariamente para exercer contra a população negra, o que sinalizam como a “guerra do crime organizado”. O qual deve ser combatido a qualquer custo, mesmo que tal operação tenha que prejudicar famílias inocentes e desencadear diversas problemáticas para as vidas que ali sofrem diariamente com essa repressão policial.

O sociólogo Florestan Fernandes em seus estudos sobre a questão de classe e raça, principalmente, na América Latina, destaca em seu livro “Significado do protesto Negro” (Fernandes, 1989) sua posição sobre a relação de raça e o desemprego no Brasil:

Enfim, na sociedade brasileira não houve necessidade de utilizar o preconceito racial para aumentar o exército industrial de reserva. O preconceito e a discriminação foram utilizados para manter a supremacia da raça branca, embora o efeito seja o mesmo, pois bloqueava as oportunidades de emprego, educacionais e econômicas de ascensão do negro. (Fernandes, 1989, p. 94)

Nesse viés, é nítido que a questão racial é um processo inteiramente ligado ao

sistema capitalista de opressão e exploração da classe trabalhadora, a qual tem cor e classe. A questão econômica e racial são projetos que seguem sendo pontos estruturados desde a escravização e que se mantêm de forma naturalizada neste projeto societário que explora e adoce estes grupos minoritários.

Ao tratar sobre a mulher negra, essa realidade se torna ainda mais perversa, na medida em que articula raça, gênero e classe. Em 1992, a autora e ativista Maria Bento destaca em seu artigo “A mulher negra no mercado de trabalho” (Bento, 1992, p.482):

O lugar da mulher negra no trabalho está demarcado no imaginário de chefias e profissionais de recursos humanos. E o gueto da subalternização e da realização de atividades manuais. Nos serviços domésticos por exemplo as negras estão representadas quase três vezes mais do que as brancas (325% contra 127%) e em atividades tais como serventes cozinheiras e lavadeiras / passadeiras o percentual para negras e o dobro do das brancas (16% contra 76%)

Essa distinção feita pela autora destaca a realidade brasileira contemporânea, entendendo que as mulheres negras ainda pouco assumem cargos superiores na sociedade. A mulher negra está na base da pirâmide social da sociedade capitalista, a construção da desumanização da mulher negra é uma violência que está presente até os dias de hoje.

Para entendimento das diversas violências sofridas pelas mulheres negras, a autora destaca sobre o tratamento da diferença física de um corpo racializado em um mercado de trabalho em comparação ao corpo branco: “para as quais são exigidos determinados atributos estéticos como naquelas de vendedora, recepcionista e secretária, as brancas e amarelas estão representadas de quatro a cinco vezes mais do que as negras, que são respectivamente 89%, 11% e 22%” (Bento, 1992, p. 482). A subalternização das mulheres negras é realizada de forma variada, passando por diversas camadas da vida social.

Uma herança daqueles jogados à sorte na sociedade, tais pontos são vivenciados mais comumente por pessoas racializadas em bairros pobres e favelas das cidades. São pretas e pobres as pessoas que sofrem com os impactos ambientais de forma intensificada, visto que, bairros ricos tendem a não sofrer igualmente aos de moradia precária. O geógrafo Luiz Jardim Wanderley da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) apontou em seu relatório preliminar (2015) “Indícios de Racismo Ambiental na Tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica”, em que demonstra com dados como a população negra e pobre é mais afetada e mais exposta a situações de riscos ambientais.

No quesito educacional é também notória a eficácia do estado, em conjunto com a execução do projeto societário do sistema capitalista, de limitar negros a determinados lugares. É importante ressaltar que a evasão escolar de pessoas negras se materializa em

grande medida por conta da ausência de dinheiro em casa, o que vira um debate de qual lugar é mais benéfico para a família: “escola ou trabalho? ”. Nos estudos do professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Rodrigo Ednilson de Jesus (2018), ao aprofundar o debate sobre como deram certos os mecanismos na produção do fracasso de jovens negros no ambiente escolar, o autor destaca:

De acordo com a UNICEF (2012), a discriminação racial é uma das principais barreiras que os jovens brasileiros enfrentam para ter garantido seu direito à educação. Do total de excluídos da escola, a maioria é negra e parda. E a discriminação não se manifesta apenas na dificuldade de acesso, mas também na continuidade da vida escolar. A diferença entre a média de anos de estudo da população negra e a média de anos de estudo da população branca, que se somam às mais altas taxas de repetência e abandono entre jovens negros parece evidenciar que a discriminação racial interfere de forma significativa no rendimento escolar dos alunos do Ensino Fundamental e Médio. (Jesus, 2018, p.7)

Tratar sobre raça e racismo na sociedade brasileira é imprescindível, resgatar os tópicos que constroem essa estrutura racista é necessário para pensarmos em avanços antirracistas. Desde o período de escravização as pessoas negras não deixaram de lutar, pelo contrário, a história brasileira é erguida pela violência e expropriação dos povos originários e negros, no entanto, são grupos que exercem contínua organização política e luta, o que debateremos no capítulo três.

Por fim, é necessário destacar a importância de uma luta organizada que esteja atenta às questões de raça, gênero e classe, para que seja uma luta que visa a emancipação humana de todas as camadas afetadas na sociedade capitalista, movimento fundamental para a construção de uma mudança nas estruturas da sociedade.

2.2 Branquitude e embranquecimento cultural: uma prática de manutenção de poder

A colonização foi um período de exaltação do branco em negação do outro, ou seja, o não branco. O que se mantém na construção da sociedade brasileira até os dias atuais, em que se presencia uma absurda desigualdade entre os sujeitos marcados racialmente nos diversos espaços sociais da sociedade. Assim, é interessante e urgente destrinchar o conceito de branquitude, para que assim, possam ser demonstradas as consequências da prática do termo no cotidiano brasileiro.

Sobre o conceito de branquitude, a autora Priscila Silva (2017) destaca:

A branquitude é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir de seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais

e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) e de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens e privilégios. (Silva, 2017, p. 27)

Nesse sentido, a autora observa e traz em seu texto uma posição de poder da raça branca, este privilégio pode ser evidenciado desde a escravização, como citado anteriormente, o qual presencia a construção do branco como superior em inúmeros sentidos. Tal suposta superioridade foi utilizada como justificativa para escravização dos povos nativos e negros africanos. Os europeus justificavam estarem realizando um movimento de disseminar a modernidade ao mundo julgado ainda não desenvolvido.

No mesmo viés de conceituar a supremacia branca na sociedade, a autora do livro “O pacto da branquitude”, Cida Bento, traz nas suas escritas um pouco do que pode ser identificado com o conceito:

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro. (Bento, 2022, p. 10)

Essa exposição forte da autora exemplifica, de forma geral, como funciona a estrutura brasileira racista e desigual. Cabe destacar que é por meio dessa supremacia branca que tantos casos que ao cotidiano da população, principalmente branca, pode parecer corriqueiro, expõe a sociedade que exalta um grupo racial em detrimento de outro. Trata-se de uma perpetuação do genocídio que aconteceu desde a época da escravização e persegue vidas negras até os dias atuais através das diversas formas de manifestação do racismo presentes na realidade social.

Assim, para a manutenção da hegemonia branca, utiliza-se de diversas formas de intensificar e tensionar as estruturas que aproveitam desta construção racista para sua hegemonia no poder. A realidade brasileira pode ser observada a partir da ideia da autora Bento (2022, p.18), o qual vai explicar sobre a violência produzida pela Europa, os “beneficiários do colonialismo europeu”, os quais se beneficiam da violência posta na sociedade. No Brasil, como herança destas práticas, o grupo de pessoas brancas está predominante nas instituições, utilizando-se dessa desigualdade racial construída na sociedade para manter-se nestes locais de privilégios.

Nesse sentido, a autora Bento vai destacar um ponto importante que favorece essa

preservação de controle sobre o poder:

De fato, o conceito comum de meritocracia é o de um conjunto de habilidades intrínsecas a uma pessoa que despende esforço individual e não estabelece nenhuma relação dessas “habilidades” com a história social do grupo a que ela pertence e com o contexto no qual está inserida. Ou seja, a meritocracia defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional etc. Parte de uma ideia falsa para chegar a uma conclusão igualmente falsa. (Bento, 2022, p.13)

Com essa exposição, a autora traz como ponto fundamental a meritocracia, ideia muito difundida por pessoas que exercem desse privilégio da supremacia branca e utilizam deste discurso para, por exemplo, ir contra as ações afirmativas adotadas no Brasil. Esse movimento de desprezar a formação sócio-histórica brasileira e justificar a realidade social como se não houvesse uma extensa desigualdade social por trás das condições postas atuais da realidade social.

Diversas são as práticas que acentuam a concentração do poder nas mãos de pessoas brancas, como a modernização conservadora, em que realizam transformações pelo alto, em nada modificam a sua base. Essas movimentações podem ser notórias com as organizações da branquitude de não desenvolverem uma análise profunda dos seus privilégios, que pudesse retirar essa hegemonia desenvolvida aos longos séculos da formação social brasileira.

Analisando questões do gênero, Abdias Nascimento discorre em seu livro “O genocídio do negro brasileiro” (2016) a respeito do dano da branquitude na sociedade brasileira, aborda que toda a estrutura está atravessada por essa construção de benefícios de classe e raça, o autor explica:

Além dos órgãos do poder – o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a polícia – as classes dominantes brancas têm a sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas - a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária. Todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria. O processo de assimilação ou de aculturação não se relaciona apenas à concessão aos negros, individualmente, de prestígio social. Mais grave, restringe sua mobilidade vertical na sociedade como um grupo; invade o negro e o mulato até a intimidade mesma do ser negro e do seu modo de autoavaliar-se, de sua autoestima. (Nascimento, 2016, p. 112)

O que é notório atualmente nas relações culturais, sociais, econômicas e políticas brasileiras é fruto de diversos acontecimentos, os quais favorecem uma determinada raça, desde o período da escravização brasileira. O ideal de supremacia branca é fundamental para perpetuar as estruturas desiguais presentes na sociedade brasileira, enquanto é notório a marginalização das pessoas de cor. É importante evidenciar essa prática que enaltece o branco como superior, para discutir as desigualdades na realidade social

brasileira.

Os privilégios que envolvem a supremacia branca atingem as diferentes áreas da vida social. A estrutura das instituições são exemplos claros da supremacia branca. Apesar da maior parte da população brasileira ser negra, os cargos considerados superiores são ocupados principalmente por pessoas brancas, enquanto cargos associados a trabalhos braçais e inferiorizados, no Brasil, são ocupados por pessoas negras.

Essa conservação da ordem social orquestrada por pessoas brancas é vista em diferentes camadas da sociedade, no quesito cultural é também evidenciado a partir do apagamento da cultura africana e a criminalização do fato de exercê-la, mais uma estratégia de manutenção da supremacia branca no Brasil.

A partir do entendimento da historicidade brasileira que desde a escravização impõe e naturaliza diversos tipos de violências posicionando o negro como inferior e passível de ser extinto, silenciado ou criminalizado, abre precedentes para o desejo da mestiçagem do brasileiro, ou seja, da profunda vontade de branqueamento da população, para assim ser considerada uma nação desenvolvida. No início do século XX, a tentativa de branqueamento da população passa pela mão do estado e com estudiosos da época trazendo diversas informações sobre a eugenia como prática benéfica ao Brasil, visto que, são os europeus que estavam desenvolvidos e os brasileiros necessitavam deste desenvolvimento. Considerado “outro” a ser combatido, tanto o negro como o indígena, é válido reafirmar que esses corpos continuam a ser perseguidos na sociedade brasileira

Se desde o período da escravização até após a abolição da escravatura foram vistas diversas práticas do estado para criminalizar e silenciar os povos negros com leis que os afastavam, cada vez mais, de uma possível ascensão social; ao mesmo tempo, houve a política da vinda de imigrantes europeus ao Brasil, os quais ganhavam terras para ocuparem o país, em razão de trazerem o branqueamento à população. Tal perspectiva não se limitou ao período mais sangrento da história, mas ultrapassou os limites permanecendo presente na sociedade brasileira como discussão até o fim do século XIX. Mozart da Silva vai denominar ser eugenia em seu escrito “Miscigenação e Biopolítica no Brasil” (SILVA, 2012) como:

Assim sendo, a eugenia pode ser entendida como uma prática discursiva (baseada em saberes biológicos sobre a raça e sua pureza, científicos ou não) e/ou não discursiva (as estratégias de intervenção) que procurou redesenhar a população com o objetivo de fundar uma identidade nacional baseada nos critérios clássicos da categoria Estado-nação, conforme a tradição europeia. (Silva, 2012, p 202)

Posto a ideia de eugenismo no Brasil, agora vale salientar os posicionamentos de alguns autores que buscavam colocar em prática tal teoria. Assim, nota-se a ideia do autor Oliveira Viana que utilizou de diversos tópicos para realçar que o sangue ariano é superior aos demais. Usou de dados de casamentos entre pessoas brancas com negros e mestiços para defender a crescente do sangue ariano no território. Contrapondo a ideia, o autor Kabengele Munanga, em seu livro “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil” destaca:

Constata-se que o caçador de estatísticas demográficas explica o crescimento da população branca recorrendo apenas à injeção do sangue “ariano” e deixando de considerar além do intenso fluxo migratório europeu na época, o fim do tráfico negreiro desde 1850, a falta mortalidade da população negra devido às adversas condições de vida e a eliminação do índio pelas doenças européias, álcool e arma de fogo. (Munanga, 1999, p.75)

Os autores Munanga e Silva fazem referência ainda a teoria do médico Nina Rodrigues, em que se baseia na Teoria da Recapitulação, uma tese nitidamente racista em que enuncia que adultos de raças inferiores gozavam de uma capacidade intelectual inferior ao de uma criança que detinha uma raça superior.

Entende-se, a partir dessas perspectivas, as afirmações de Nina Rodrigues sobre o infantilismo dos negros e alguns tipos mestiços inferiores. Na obra Africanos no Brasil, afirmava, por exemplo, que “o negro da América, mesmo tendo assimilado as formas de vida civil, no fundo da alma é uma criança”. (Silva, 2012, p.199)

Era um projeto de nação que objetivava, cada vez mais, apagar a presença do negro na sociedade. A identidade brasileira não poderia ter como sua identificação as pessoas negras. Isto posto, Munanga (1999) irá tratar sobre o posicionamento de um dos autores mais conhecido nesse debate, Gilberto Freyre. Indo na contramão aos pensamentos dos demais autores, Freyre busca relacionar a mestiçagem como algo positivo para a sociedade brasileira. Diferentemente dos outros apontados, inicia-se um debate a respeito da importância da mestiçagem para o povo brasileiro, indicando que com a realização deste cruzamento teria a democracia racial no país, o que mais tarde compreendeu-se que de fato, trata-se de um mito de democracia racial.

Visto que, é uma falsa ideia de democracia pelo fato de não ter presente na sociedade brasileira uma estrutura sem preconceitos, em que vivam em plena igualdade e harmonia.

Exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo as elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. (Munanga, 1999, p. 80)

Comparando as perspectivas dos autores, juntamente com a exposição feita de Freyre, é interessante notar que a posição do autor ainda sim é uma visão racista. Mesmo que validando a mestiçagem, a mesma era colocada num patamar que desenvolve uma cortina de fumaça perante as desigualdades postas entre as classes da época e senhores e escravizados. Por conseguinte, indica também, a aceitação da realidade pela classe denominada inferior para com a sua realidade desigual e violenta, visto que, se as elites dominantes desenvolvem uma perspectiva de equidade das raças na sociedade, o autor vai explicar tal ato como o afastamento da classe subalterna da sua tomada da consciências mecanismos desiguais. Ou seja, se os demais grupos não brancos, subalternos, entendem que estão em conformidade com os brancos não seria necessário organização política de luta, o que é um retrocesso inaceitável.

O estado brasileiro aderiu ao eugenismo e construiu a marginalização de negros e negras na sociedade. É fato que é urgente a discussão e tomada de consciência de pessoas brancas aliadas às questões de raça, gênero e classe na tentativa de amenizar os efeitos da exploração realizada há séculos. Vale ressaltar que o problema é estrutural, e somente com a emancipação humana haverá uma mudança radical nas estruturas de exploração.

3. RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA

A cultura negra é historicamente inferiorizada e criminalizada, nesse sentido, a sua reprodução pelas pessoas negras, de forma a eliminar a tentativa de apagamento, torna-se uma ação de resistência. Neste capítulo, reiteramos que mesmo com as violências e as barreiras sociais que a colonização e a sociedade capitalista impuseram para os denominados inferiores, o negro sempre se organizou e por meio dessas organizações de luta que realizaram e seguem realizando um tensionamento na realidade social.

Nesta pesquisa, entendemos que a moda e a música negra também fazem parte desse processo de resistência, seja pelo lazer que produzem, pelo resgate da ancestralidade, da história, da identidade negra, pela representatividade que produzem, moda e música negra são atos políticos.

3.1 Resistência cultural negra: um caminho sobre as práticas culturais negra

Para iniciar as exposições da resistência negra no mundo da cultura é interessante deixar nítido que por muito tempo, a ideia de cultura foi restrita a práticas racializadas e elitistas, fundamentadas na ideia de civilização, ou seja, em padrões europeus. O reconhecimento de outras expressões culturais que se distanciam desse padrão “hegemônico” ainda está em disputa. A prática cultural de “outros sujeitos” sempre esteve pulsante, sempre foi resistência, seja em momentos de criminalização de tais práticas, seja em períodos de uma relativa valorização seletiva, como ocorre atualmente.

Diversos caminhos de descentralização da cultura europeia e de novas possibilidades da cultura popular têm sido construídos, processo que é fruto das lutas para uma política cultural que abranja a diversidade cultural. São espaços de disputade poder, como afirma o autor Stuart Hall em seu texto “Que “negro” é esse na cultura negra? ” (Hall, 2003, p.339) “Reconheço que os espaços conquistados para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados”.

No mesmo sentido, Hall (2003, p. 340) afirma: “A cultura popular carrega essa ressonância afirmativa por causa do peso da palavra “popular”. E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. ” Assim, a cultura popular é ligada ao que é inferior e feio em vista do que é considerado superior temreferência na cultura europeia. Mas é válido mencionar que com a cultura popular se potencializando, cada vez mais a estrutura capitalista se utiliza da

mesma para acumulação pelas indústrias culturais, ou seja, sendo mais uma forma de expropriação de capital.

A cultura popular negra, pelo viés do autor, mesmo com essa contradição entre a experiência empírica popular da sociedade e a pressão pelo cooptação, é necessária, e ressalta a importância de entender tais questões para além da dualidade. Entendendo que são práticas que, mesmo sendo expropriadas pelo capital, são importantes na expansão e reconhecimento da cultura popular negra de forma ampla na sociedade.

A cultura popular para Hall (2003) vai além das tradições, além do que é produzido para o mercado, mas são pensadas na relação entre tradições e práticas culturais populares e a tensão que geram na cultura hegemônica. “Sua importância reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistência populares, abarcando, assim, elementos da cultura de massa, da cultura tradicional e das práticas contemporâneas de produção e consumo culturais”. (Hall, 2003, p. 349)

Como exemplificado pelo autor Hall (2003), por muito tempo a cultura negra foi colocada em segundo plano, inferiorizada e marginalizada, sendo o Brasil um dos lugares em que a presença e o exercício da cultura popular eram marginalizados. No entanto, o negro brasileiro sempre se organizou para lutar contra as violências postas pelo sistema escravagista e pós abolição da escravatura, essas organizações se potencializam, desde as formações dos quilombos até as práticas religiosas.

A partir das condições postas durante séculos na sociedade brasileira, é válido mencionar como foi essencial a formação das organizações negras para minimizar as desigualdades políticas, econômicas, sociais e culturais impostas à população negra. O escritor e sociólogo brasileiro Clóvis Moura (1983, p. 47) salienta que “Em toda a nossa história social vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com as suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído social, cultural e biologicamente”.

Moura (1983) diz ainda do lugar do negro nas classes sociais, apontando para as incontáveis contribuições das organizações negras. Dentre diversas formas de luta contra essa estrutura vigente, Moura (1983) destaca algumas que foram fundamentais nas reivindicações por melhorias nas condições de vida e até mesmo na luta pela própria existência.

É imprescindível citar a criação de Quilombos durante o período de escravização brasileira, além de ser uma forma de organização para se libertar da violência do período,

essa resistência ocorre também para estabelecer a forma de sobrevivência dessas pessoas nos sentidos básicos, assim, conseguir avançar na luta contra a repressão escravista, mas que se torna prática de luta até os dias atuais.

Dentre diversas movimentações das populações negras de se organizarem, a imprensa é uma das formas fundamental para ir contra a ausência de jornalistas negros. Bem como, utilizarem deste espaço como instrumento de evidenciar as injustiças da sociedade e exigir melhores condições de vida para a população negra da época que lidava com a marginalização que o pós abolição deixou para os ex-escravizados. A imprensa negra era independente no quesito de recursos financeiros e vivia através apenas dos apoiadores da própria comunidade negra. É interessante resgatar a importânciada imprensa negra, que falava de dentro das comunidades, e não uma leitura externa da realidade em que viviam.

Citada por Moura (1983), a Frente Negra Brasileira também se destaca como uma organização de extrema importância, mas vale destacar que antes de ser extinto o movimento vira partido político. É dizimado na ditadura varguista, sendo não somente esse extinto, como várias outras movimentações populares da época. Essas organizações retornam ao fim do Estado Novo, que termina no ano de 1945, assim sendo, surge em São Paulo em 1954 a Associação Cultural do Negro - ACN, momento importante para a cultura negra, que desenvolvia ações culturais, educacionais, esportivas, entre outros.

Entre as organizações culturais musicais, Moura (1983) apresenta a formação das escolas de samba como grupos de movimentação cultural que são notoriamente vítimas de racismo, contrapondo ao período do carnaval, em que são exaltados.

As escolas de samba paulista somente são vistas favoravelmente pela sociedade branca durante o carnaval. Mas, de um modo geral, as suas atividades durante todo o ano não são muito bem aceitas. Há, sempre, reclamações contra o seu *mau comportamento*, barulheira, deboche, comportamento agressivo e alcoolismo. Há também referências ao uso da maconha. Durante o carnaval as coisas mudam e elas são aplaudidas no asfalto. (Moura, 1983, p.59-60)

Para mais, apesar da importância de expor esta visão negativa para com o movimento cultural, destacando o racismo que associa o negro a criminalidade e baderna, o autor destaca a magnitude cultural da preparação dessas escolas de samba para o negro, visto que, são encontros que ocorrem ao longo do ano para se apresentarem no período da festividade do carnaval. Tais concentrações são palcos para reflexões sobre diversas temáticas vividas pelo povo negro, o que Moura (1983) visualiza como potencialidade de

desenvolvimento de uma “consciência étnica” da população negra. Essa articulação orienta o que o autor vai destacar como: “De um lado, há a pressão corruptora de entidades governamentais, e, de outro, a pressão dos grupos chamados brancos, sempre com uma carga de preconceito de cor sub-reptícia, mas atuante” (Moura, 1983, p. 61).

É pertinente enfatizar que os sambas-enredos, subgênero do samba é parte essencial que auxilia durante todo o período de desfile das escolas de samba. Além do mais, é notório que as músicas e melodias são construídas através de temáticas envolvendo tópicos de raça, gênero e classe, como também, personalidades que foram importantes na formação histórica de luta do país. Como exemplo, podemos citar o samba-enredo da escola de samba Mangueira de 2019 que retrata na sua letra o Brasil de verdade e que por muito tempo tentaram apagar:

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
(Mangueira, 2019)

A manifestação posta nesta canção utiliza-se deste espaço de luta para enfatizar e denunciar a desigualdade social e racial na sociedade brasileira. O pequeno trecho selecionado já consegue expressar as violências para com o povo negro e os povos originários. Destaca o anseio de contar a verdadeira história da realidade da formação brasileira, de violência, morte e expropriação, como também, muita luta por parte dos povos considerados inferiores, para isso, citam a legítima face da história brasileira, quando afirmam “o teu nome é Dandara e a tua cara é de cariri”.

Dandara dos Palmares foi uma importante liderança guerreira que participou das organizações de luta do povo negro, a partir da formação dos Quilombos, integrante de

um dos mocambos mais conhecido pela luta contra as repressões do sistema escravocrata colonial, Quilombo de Palmares. Identificando a ausência de informações e estudos sobre a guerreira no ambiente escolar, Janaína Caetano e Helena Castro (2020) destacam: “uma das lideranças femininas do Quilombo dos Palmares, posto que queríamos que as crianças negras, sobretudo as meninas, tivessem a oportunidade que não tivemos, que conhecessem as narrativas dessa grande guerreira e se encantassem com ela” (Caetano; Castro, 2020, p. 159). Debater e resgatar a história de personalidades negras que foram fundamentais na construção do país é crucial para a formação não somente de pessoas negras, uma vez que, a consciência da formação étnica do país e a importância de representatividades negras deve ser um dever de pessoas brancas e não brancas.

No verso seguinte é destacado o Cariri, que representa o grupo de indígenas da região do Cariri no Ceará, anteriormente chamados de “Kariri”, também vítima do aniquilamento da colonização, pois os povos indígenas sofreram diversas violências de portugueses e espanhóis. Nesse sentido, Dussel (1993) nos faz refletir sobre a imposição dos colonizadores para com os povos originários como a conquista espiritual, sofrida pelos povos do Cariri e demais grupos indígenas, sua formação ligada também aos aldeamentos missionários, a partir dos ideais de imposição da catequização dos indígenas. A cartilha pelos direitos dos indígenas realizada pela Universidade Regional do Cariri (URCA) descreve este grupo como: “Eram índios que sobreviveram ao processo de escravização e espoliação territorial submetido pelos colonizadores” (Melo, 2020, p.22). Esse escrito é fundamental para entendermos as violências postas também para com os povos indígenas, que além de sofrerem o apagamento histórico como projeto político de uma sociedade erguida pela branquitude no poder, são também afetados pelas representações equivocadas e estereotipadas da sociedade.

Carregadas também de violências e preconceitos são as organizações religiosas de matriz africana no Brasil. Moura (1983) destaca como as entidades católicas não conseguiram, mesmo com as imposições das companhias jesuítas, atrair números consideráveis de pessoas pretas, as quais preferiram permanecer em religiões voltadas à matriz africana, como a própria Macumba.

Ao abordar a temática é interessante evidenciar as violências religiosas que são praticadas perante as religiões de matriz africana, assim, é interessante explicar o termo Macumba, o qual foi e é utilizado de forma pejorativa como um discurso racista por parte da população brasileira. Para Fernandes e Júnior (2014) o termo é definido como,

Macumba é, então, além de instrumento musical: o próprio candomblé, um culto sincrético, a quimbanda, ou, na sua acepção popular, os cultos que usam a magia negra, uma reunião de bruxaria, ou ainda o próprio ebó (despacho). Acreditamos que a macumba hoje se chama umbanda devido ao fato do termo macumba estar interligado, como indica os dicionários acima citados, a aspectos pejorativos, e para desenvolver essa argumentação, é preciso analisar os processos históricos que as religiões afro-brasileiras, em especial a macumba e a umbanda, passaram desde, pelo menos, o fim do séc. XIX. (FERNANDES; JÚNIOR, 2014, p. 63)

Com isso, a partir da sincretização dos costumes de matriz africana com os de origem ocidental, como catolicismo e o Kardecismo, surge a formação da religião afro-brasileira. Enquanto a macumba de certa forma se transforma em feitiçaria, do outro se tem o dinamismo com a formação da Umbanda, do Candomblé e da Quimbanda.

É válido entender que, como o samba e as suas escolas, a prática religiosa afro-brasileira é também um viés de organização e resistência das pessoas negras na sociedade, tendo como integrantes as pessoas negras marginalizadas. Como afirma o autor, é uma concretização essencial para a vida da população que vivencia sua marginalização a partir das condições opressivas e discriminatórias da sociedade capitalista desde o pós-abolição. Com esta finalidade, se entende que essas organizações são a ancestralidade do povo preto, um lugar de bem-estar de acolhimento perante um projeto societário excludente.

Clóvis (1983) destaca também a importância da congada, em conjunto com as favelas, no sentido de serem fundamentais para o fortalecimento e resgate dos conhecimentos africanos, mesmo sendo uma manifestação católica, a negritude e suas práticas ancestrais estão presentes.

Nos Estados Unidos, país que viveu a escravização de negros e povos originários, e a segregação racial legalizada, referenciamos os Panteras Negras, que foram importantes na luta pelos direitos civis. O movimento estadunidense, criado a partir da década de 1960, tinha como uma de suas reivindicações a luta contra a repressão policial que perseguia negros. A organização era revolucionária e focava em ideais de esquerda anti-imperialistas, para isso, a organização política tinha como defesa dez pontos fundamentais em sua organização, abordado no livro “A liberdade é uma luta constante” (2018) de Angela Davis, também integrante e militante do partido e presa política, a qual ficou mais popularmente conhecida a partir do movimento “Free, Angela Davis”. Os principais objetivos que organizavam o movimento revolucionário eram:

O número um era: “Queremos liberdade”. Dois: pleno emprego. Três: o fim da usurpação, pelos capitalistas, das comunidades negras e oprimidas – o programa era anticapitalista! Número quatro: queremos moradias decentes, adequadas para o abrigo de seres humanos. Número cinco: queremos educação decente para nosso povo, que revele a verdadeira natureza da decadente

sociedade estadunidense. Queremos uma educação que ensine nossa história real e nosso papel na sociedade atual. Número seis – particularmente significativo diante do empenho da direita em desfazer os diminutos esforços realizados pela administração Obama para fornecer assistência à saúde à população pobre dos Estados Unidos: queremos assistência à saúde completamente gratuita para todas as pessoas negras e oprimidas. Número sete: queremos o fim imediato da brutalidade policial e do assassinato de pessoas negras, de outras minorias étnicas e de todas as aquelas oprimidas nos Estados Unidos. Número oito: queremos o fim imediato de todas as guerras de agressão – percebam como isso ainda soa atual. Número nove: queremos liberdade para todas as pessoas negras e oprimidas atualmente mantidas em prisões, penitenciárias e carceragens militares federais, estaduais, municipais e de comarcas dos Estados Unidos. Queremos julgamentos por júris de pares para todas as pessoas acusadas por supostos crimes de acordo com as leis deste país. E, por fim, número dez: queremos terra, pão, moradia, educação, vestimenta, justiça, paz e controle da tecnologia moderna pela comunidade popular. (Davis, 2018, p. 74)

O movimento político *Black Panther Party*-BPP influenciou negras e negros pelo mundo a lutarem pelos seus direitos, a se reconhecerem e sentirem orgulho de suas origens, estéticas, religiosidades, culturas, de suas ancestralidades. No Brasil não foi diferente, muitos se reconheceram e se inspiraram na luta antirracista e anticapitalista dos Panteras Negras, apesar das particularidades de um país periférico e dependente.

A intelectual e militante negra Lélia Gonzalez, autora fundamental para pensarmos a resistência negra na realidade brasileira, desloca a centralidade da construção cultural negra para as conexões entre América Latina e África, criando o conceito de Amefricanidade.

Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o Akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e ewe-fom. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. (Gonzalez, 1988, p.76)

A ativista aborda a importância das resistências culturais das classes populares, com seu texto “De Palmares as escolas de samba, tamos aí” (Gonzalez, 1988), em que se destaca datas comemorativas que foram lideradas por povos negros e pobres, enquanto acentua a importância de enfatizar os feitos dos mesmos, visto que, se não for enfatizado, a versão da superioridade branca será a lembrada e exaltada como superior. Nesse sentido, se destaca a importância de se organizar enquanto classe que por séculos foi julgada como inferior, entendendo a sua importância e da sua história como grupo que foi fundamental para a construção do país.

Em seu outro texto sobre a mesma temática, “Beleza negra, ou: ora- yê-yê-ô! ” (1982), Gonzalez resgata um importante movimento cultural realizado na Bahia, o bloco Ilê Aiyê, em que se destaca a temática da cultura afro-brasileira e a ancestralidade do

povo negro. De acordo com a matéria do Fantástico⁴, em comemoração aos 50 anos do bloco, o movimento que surge em 1974 diante do período da Ditadura Militar, se forma dentro de um terreiro de Candomblé e sendo o primeiro bloco afro do Brasil.

Além disso, observado também na matéria comemorativa, é destacada a influência do movimento negro norte-americano como os panteras negras, bem como a nítida ausência de pessoas negras desfilando em blocos de carnavais na cidade. Assim, os temas escolhidos para a realização dos seus desfiles eram voltados para o fortalecimento da negritude.

O bloco é ocupado por mulheres negras com seus corpos e cabelos naturais, que reforçam a conquista do seu povo, a organização e autoestima. Lélia destaca (Gonzalez, 1982, p.3): “Jovens negras lindas, lindíssimas, dançando Ijexá, sem perucas ou cabelos “esticados”, sem bunda de fora ou máscaras de pintura, pareciam a própria encarnação de Oxum, a deusa da beleza negra”.

Assim, com a festividade deste bloco de carnaval localizado no estado mais negro do país, Bahia, apresenta-se de uma forma revolucionária ao exaltar a negritude e, destacando a beleza da mulher negra a partir do reconhecimento que o seu natural é belo, indo ao encontro de narrativas que por séculos estigmatizaram negativamente as características fenotípicas da mulher negra.

O que conta para uma negra “Negra Ilê ” é a dignidade, a elegância, a articulação harmoniosa do trançado do cabelo com o traje, o dengo, a leveza, o jeito de olhar ou de sorrir, a graça do gesto na quebrada de ombro sensual, o modo doce e altaneiro de ser etc. E se a gente atentar bem para o sentido de tudo isso, a gente saca uma coisa: a Noite da Beleza Negra é um ato de descolonização cultural. (Gonzalez,1982, p.3)

Ressaltamos a importância dos diferentes movimentos de resistência negra, que possibilitam avanços significativos na área social, econômica, política e cultural para esta população. Apesar do progresso já realizado, é válido notar que a luta é constante e diária para que realmente a luta do povo negro seja efetivada.

3.2 A resistência cultural negra na moda e na música: espaços de resistência e lazer

Apesar do contexto histórico violento e desumano presente na vida das pessoas negras, a resistência dessas pessoas com saberes e hábitos de antepassados se materializam de diversas formas, como citadas no tópico anterior, o que é instrumento de

⁴ FANTÁSTICO, Ilê Aiyê celebra 50 anos de negritude, beleza e resistência Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12346845/>. Acesso em: 17, julho de 2024.

luta e valorização da cultura, visto que, por muito tempo, as práticas culturais negras foram criminalizadas e inferiorizadas, o que ocorre ainda nos dias atuais.

Pensar em resistência negra é considerar as diversas práticas e organizações realizadas por negros e negras ao longo da história do país, até mesmo no sentido de fortalecimento da cultura, a qual por muito tempo foi depreciada a partir da imposição da branquitude. Assim sendo, presentes no processo sócio-histórico brasileiro, a música é um dos movimentos que a população negra utilizou/a como forma de se expressar politicamente, denunciando e expondo as diversas desigualdades sociais, desde a fome, educação, saúde, desemprego e até mesmo na abordagem do sistema carcerário brasileiro. Além do mais, é presente também nas letras a sobrevivência desses grupos perante a realidade desigual do capital que os desumaniza, mas são utilizadas também como lazer para pessoas negras.

Com vários estilos musicais, observa-se a construção de inúmeros temas abordados na música e o lazer dessas pessoas ao escutar por exemplo o *samba-soul*, ou, música popular brasileira com artistas que fizeram e fazem história como Jorge Ben, Tim Maia e Sandra de Sá. Dessa forma, os artistas negros brasileiros, além de mencionarem a questão racial, utilizavam das obras dos discos e suas composições para falarem de diversos assuntos, vale mencionar a admirável música de Jorge Ben “Errare humanum est” lançada em 1974, a qual aborda sobre a curiosidade do ser humano sobre a origem do universo e a nossa pequenez perto do mesmo. Com as abordagens artísticas também voltadas para o sentimental, conhecimentos e significados diferenciados, a música também se torna mecanismo de lazer.

Assim, destaca-se a presença e organização dos bailes que movimentavam as periferias e subúrbios brasileiros, com momentos de lazer e diversão ao tocar as músicas da época. Segundo a tese do autor José Righi (2011) “Rap: Ritmo e Poesia construção identitária do negro no imaginário do RAP brasileiro”, os bailes são também espaços de diversão e formação de identidade:

O baile continua sendo uma opção de lazer e também é um momento de construção de identidade. No baile, a discriminação diária cede lugar as imagens positivas que os frequentadores passam a construir de si mesmos. Ali, entre seus iguais, o afro-descendente se vê pertencendo a uma cultura e a uma comunidade, pode encontrar semelhantes para praticar a sociabilidade, repartir comunitariamente alegrias ou preocupações e descontrair ao som de músicas e ritmos marcadamente pertencentes a história da qual faz parte. (Barbosa, 2008, p.12-13 *apud* Righi, 2011, p. 64)

Esses espaços foram e são fundamentais para o empoderamento e entretenimento

para a população negra, tais bailes estão presentes no Brasil desde o século XX com os “bailes de charme” e “bailes *blacks*”, em seu início tocavam os gêneros recém-chegados ao país como o *jazz* e o *soul*, esses ambientes e momentos eram ocupados por grupos que pouco tinham acesso a atividades de lazer. O texto para o jornal “O casarão” da Universidade Federal Fluminense⁵, destaca a importância dessas movimentações artísticas até os dias atuais, tanto com o resgate cultural quanto para a autoestima do povo preto. A autora Yasmim Ramalho ressalta (2024, s/p.): “já deve ter visto pelo menos algum vídeo de um grupo dançando passos envolventes de forma quase sincronizada. O charme é não só uma dança embalada pelas batidas do soul e do funk, mas uma manifestação cultural de singular importância para a comunidade negra.” Com a presença de jovens negros, tais bailes acontecem até hoje com as misturas do R&B, Rap, Soul e demais estilos.

Dessa maneira, entre os importantes gêneros musicais contestatórios, está o Rap e Hip Hop, em que se apresenta não somente a música, mas também a dança e o vestuário como expressões de preservação das tradições culturais dos negros. No livro “Hip-Hop: a Periferia Grita” (2001), as autoras definiram o hip hop como:

O hip hop é um fenômeno sociocultural dos mais importantes surgidos nas últimas décadas. Ora classificado como um movimento social, ora como uma cultura de rua, o fato é que o hip hop hoje mobiliza milhares de jovens das periferias das grandes cidades brasileiras. Suas formas de expressão – a batida do rap, os movimentos do break e as cores fortes do grafite – são apenas os signos visíveis de uma enorme discussão que fervilha entre esses filhos das várias e imensas desigualdades da sociedade brasileira a respeito de identidade racial, de possibilidade de inserção social, de alternativas à violência e à marginalidade. Em menos palavras, o hip hop é a resposta política e cultural da juventude excluída. (Rocha; Domenich; Casseano, 2001, p.3)

Segundo Righi (2011), ao estudar algumas das análises sobre a possível origem do rap, afirma que o gênero se instaura no continente americano a partir do processo violento de dominação:

A partir de movimentos negros africanos dos séculos XIX e XX como de comunidades periféricas jamaicanas e estadunidenses na década de 1960. O RAP se popularizou nos EUA, mas possui em seu “código genético” influências advindas inicialmente de um canto falado da África Ocidental, reflexo da circularidade cultural entre América e África e dos processos de colonização liderados pela Europa e Ásia. (Righi, 2011, p. 38)

A partir também da tese do autor, apresenta-se a inserção do movimento artístico e cultural na comunidade negra brasileira, tendo de forma crescente seu desenvolvimento

⁵ RAMALHO, Yasmim. Disponível em: <https://jornalocasarao.uff.br/2024/09/10/foi-num-baile-black-o-baile-charme-como-expressao-de-identidade/>. Acesso em: 1, outubro de 2024.

a partir do século XX, com o desenvolvimento dos movimentos sociais negros e a realização dos bailes nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Ao abordar sobre musicalidade e pessoas negras, o autor destaca (2011, p. 39):

A população negra é extremamente musical e o negro tem uma grande aproximação com essa questão da dança no seu cotidiano. Não é uma coisa inata, uma coisa biológica, é uma questão cultural. A forma de sociabilidade do negro passa muito pela dança, pelo canto, pelo corpo (Barbosa, 2008 *apud* Righi, 2011, p. 39)

A cultura do Hip-Hop e do Rap no Brasil chega fortemente em meados do século XX, no Estado de São Paulo, estado que apresentava desigualdades e marginalização nas diversas camadas sociais causadas pela industrialização, a migração de nordestinos atraídos por esse desenvolvimento industrial, Righi (2011) afirma:

principalmente oriundos da Região Nordeste, seduzidos pelo imaginário do sucesso, pela oferta de emprego e para fugir da seca que assolava a região. Na década de 1960, São Paulo já era a maior metrópole brasileira, e seus problemas sociais e estruturais se avolumaram. (Righi, 2011, p.53)

Alinhado à origem do contexto estadunidense e jamaicano, o movimento artístico e cultural paulistano se apresentou historicamente como também revolta e expressão de pessoas negras e pobres das favelas que viviam a realidade do pauperismo.

Com o movimento negro crescente nesse período, através de organizações políticas e culturais, contava com homens e mulheres negros para a militância, mas também a organização de bailes e expressões culturais, em que significava uma das poucas opções de materialização de lazer para pessoas de periferia e subúrbios.

Dentre diversos grupos musicais e artistas que fizeram parte dessa construção artística e política brasileira de denúncia da realidade de exploração, apresenta-se o grupo Racionais MC'S, organização musical de RAP que foi um dos grupos musicais mais importante para a formação de conscientização sobre a política brasileira.

Segundo Righi (2011, p.71) “A tematização das letras gira em torno da violência, da opressão, da discriminação, abordadas geralmente com um tom provocador”, dessa forma, observa uma revolta nas letras do grupo que abordaram a questão racial e social atravessadas pelas pessoas pretas e pobres das periferias de São Paulo.

O Racionais foi e continua sendo um dos grupos mais importantes de RAP e da cultura Hip Hop do Brasil, de origem pobre nos bairros periféricos de São Paulo, o grupo conta com 4 integrantes, sendo eles: Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões), sendo de áreas diversas de São Paulo, os Racionais têm sua formação no

final da década de 1980. Um ponto a se ressaltar é que sua organização ocorre durante o pós período ditatorial, um dos processos mais violentos e repressivos do país com a Ditadura Militar de 1964, em que o país vivia uma realidade de violência física e também da implementação dos atos institucionais de censura e repressão, esse fator já evidencia a emblemática formação do grupo.

Apesar da redemocratização brasileira, é necessário considerar a organização política neoliberal, em que introduziu na sociedade brasileira diversos retrocessos políticos, sociais e econômicos. Com a promulgação da Carta Magna de 1988, a qual apresentava em sua escrita avanços nos diversos âmbitos sociais, sua materialização foi dificultada a partir das imposições neoliberalistas.

Tendo em vista que a música é fator fundamental de reivindicação e organização política na sociedade, o movimento artístico é meio pelo qual diversos rappers da época utilizaram para elucidar suas insatisfações.

Segundo Righi (2011, p. 90), os Racionais tinham um caráter de organização importante no sentido de que “O papel revolucionário que o grupo demonstra justifica-se pelas especificidades temáticas das letras das canções, geralmente relacionadas à periferia, à violência, à repressão do Estado, ao tráfico de drogas, à exclusão e às guerras internas nas favelas.”

Através das composições de indignação e revolta do grupo, os shows eram frequentemente alvos da polícia, devido às letras de manifesto contra a questão racial e a repressão do Estado contra o público das periferias. Como artefato também de resistência, uma das características do grupo era de não se relacionar com os meios de comunicação e a grande mídia brasileira, no entanto, ao conceder uma entrevista ao jornal *Le Monde Diplomatique* anos após sua ascensão (2018), Mano Brown aborda sobre a radicalidade da gênese do grupo.

A estratégia era sobreviver. Um machado na mão, uma faca na outra e cobras e lagartos pela frente. Não é como hoje, na era da informação rápida, da internet. Era outra realidade. A mortalidade aqui na zona sul, no Capão Redondo, batia recordes mundiais. A gente cresceu nos anos 1980, na época mais violenta do bairro mais violento. Todo mundo era magro, franzino e perigoso. Desnutrido e perigoso. (*Le Monde Diplomatique*, 2018, s/p.)

Na mesma entrevista, o rapper define os anos 80 como o período de genocídio negro, onde ser preto era perigoso e que lutar pela questão racial, a qual rebate em demais camadas da sociedade era o motivo primordial de luta na época. Brown afirma (*Le monde Diplomatique*, 2018, s/p.) “Eu fiz o que era necessário para a época, era uma prioridade de todos lutar pela raça, pela quebrada, era prioridade, uma bandeira única (...) tem um

genocídio acontecendo mano, foi momento que até inimigo conversaram, Racionais uniu quebradas”.

Com o viés de revolta pela realidade, o grupo formaliza um dos álbuns mais importantes da história brasileira. Conhecido mundialmente, o disco “Sobrevivendo no Inferno”, apresenta mais do que informações, sobretudo provas a respeito da realidade desigual que recaía nos diversos patamares da sociedade, principalmente: no encarceramento em massa, racismo e repressão policial, desigualdades essas que influenciam a vida de jovens, crianças e famílias dos bairros periféricos.

O álbum lançado em 1997, teve milhares de cópias vendidas. Anos depois, em 2018, a obra é publicada em formato de livro e se torna leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Sendo uma obra atemporal e comemorando seus 27 anos, o disco Sobrevivendo no inferno é mais uma das diversas produções artísticas que representam o contexto histórico, a formação social brasileira e a superexploração desde o período colonial como discorrido durante essa pesquisa.

O álbum carrega um sentimento de revolta e indignação perceptíveis ao longo de suas canções, como visto na composição “Capítulo 4, Versículo 3 ” que inicia com uma denúncia com as seguintes afirmações:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (Racionais MC'S, 1997)

Válido indicar também, a denúncia feita na canção sobre a ausência de pessoas negras nos ambientes escolares, em que se percebe os altos índices de negros na criminalidade e a ausência dos mesmos em estruturas que possibilitariam uma maior conscientização da estrutura desigual. Essa é somente uma parte das diversas letras que foram produzidas através das experiências de vida dos artistas e companheiros de estrada, essas composições são reflexo das condições de exploração a que é submetida a classe trabalhadora, que lida diariamente com as desigualdades sociais que perpassam o racismo, a fome e o encarceramento em massa da população negra.

Além desse grupo, incontáveis outros artistas em diferentes gêneros musicais, e com diferentes níveis de alcance, foram fundamentais no processo de entendimento da realidade social brasileira. Destacamos o rapper Emicida, Milton Nascimento, Ludmilla, Criolo, entre tantos outros que vieram e utilizaram da música como forma de

reivindicação e expressão da luta diária a partir da realidade violenta e cruel.

Outro gênero muito associado à pobreza e periferias e por consequência muito hostilizado, é o Funk, que está também presente na realidade brasileira desde a década de 70 e 80, e é alvo de preconceitos por unir negros e pobres, como também visto no Rap. Para Trotta em seu artigo sobre o gênero (2016, p. 91) “O funk é um gênero associado a violência que estigmatiza o "outro" jovem, negro e periférico”. No mesmo sentido, o autor traz a criminalização desse estilo musical, com a inserção das UPPS (Unidade de Polícia Pacificadora) nas periferias, sendo que uma das primeiras medidas tomadas nas favelas foi o de utilizar estratégias criminalizatórias do estilo musical. É imprescindível associar o estilo musical rap e funk à parte de entretenimento, lazer e cultura dos jovens nas cidades brasileiras.

Conforme esclarece o autor, há uma narrativa de diminuição do valor dos gêneros populares por conta da composição do estilo vir de pessoas de origem pobre e periférica. Segundo Trotta (2016), essas pessoas acabam associando este gênero musical a pessoas que não tiveram acesso à educação e informação, as quais deveriam ser criticadas por serem uma expressão de baixa qualidade.

Porém, os gêneros musicais destacados são fundamentais para expressar a realidade composta de diversas problemáticas oriundas do sistema capitalista e que são, geralmente, denunciadas a partir dessa expressão, como por exemplo, ao relatar a violência policial, a busca por condições melhores de vida, entre outras denúncias realizadas pelos artistas.

A música popular, como enunciado durante o capítulo, ocupa também o espaço de reprodução de lazer e diversão para a população negra. Além do mais, é meio para as diversas possibilidades de produção cultural. Assim como a música sendo âmbito importante para a construção e compartilhamento de novas perspectivas que transcende a denúncia da realidade desigual, para Trotta (2016), até mesmo um evento disposto a realizar a diversão de jovens periféricos, como o famoso “rolezinhos” em shopping, foi duramente criticado, o que era para ser espaço de entretenimento e conhecer novas pessoas foi tratado até como caso policial.

Assim, conforme o autor cita Trotta (2016) “O "passeio" de grupos numericamente expressivos de jovens majoritariamente negros oriundos das periferias pelos espaços fechados e controlados dos shoppings centers despertou medo, preconceitos e debates sobre a desigualdade social brasileira.”, observa-se a dificuldade de exercer o direito ao lazer, sendo quase nulo a sua materialização para a população

periférica.

Outro aspecto importante de destaque é a resistência negra por meio da moda, que tem sido bastante utilizada por artistas compositores do rap e funk, entendendo que, a moda é uma expressão de arte de determinado grupo em que se faz parte, sendo materializada através do vestuário, de roupas e acessórios utilizados, que exteriorizam a identidade do indivíduo.

Por mais que hoje ocorra uma crescente de criação de marcas voltadas para e construída por público negro, ainda se vê uma grande desigualdade no mercado da moda. Nesse sentido, através da matéria da Revista ELLE⁶, são discutidas as questões que perpassam as problemáticas do mundo da moda. A revista de moda buscou identificar em 143 marcas quais eram as políticas de igualdade racial em suas empresas. O que foi coletado na matéria de 2021 foi uma prática de discurso que não alcança a materialidade de medidas que enfrentam o racismo da sociedade brasileira, a jornalista explica (Poerner, 2021, p.1) “O mito da democracia racial, o marketing da diversidade, o tokenismo (inclusão simbólica) e a alienação privilegiada ainda são obstáculos a serem superados na indústria”. A exemplo da sociedade racista as estruturas em si também são espelhos da mesma.

É presente também a discussão sobre pessoas brancas usufruírem da cultura negra, ao não aprofundarem nas questões raciais, mas sim, somente se apropriarem para benefício próprio. Oliveira (2007), em sua dissertação de mestrado, destaca:

Sabe que é engraçado ver essa playboyzada querendo ser preta? Eu encontro os caras que me discriminavam pra caramba no colégio nas festas black, de boné, corrente de prata, camisa grande e calça larga. Mas eles não são bobos né? Eles querem ser pretos americanos, com grana e mulher, não os brasileiros que vivem na favela. Papo com favela só se for baile funk pra comprar droga. As minas que nem me olhavam hoje me dão mole. Pegar preto tá na moda. (Maurício *Apud* Oliveira, 2007, p. 55)

A questão da cultura negra é imprescindível na sociabilidade de tal grupo, visto que, é a partir dessa construção de vida e de realidade que também movimentam as expressões culturais e artísticas. A materialização desta cultura é também baseada nos saberes e costumes ancestrais, os quais sofreram as diversas violências na prática dessa cultura, que era vista como errada e inferior às demais.

⁶ POERNER, Barbara. ELLE. Disponível em: https://elle.com.br/moda/um-ano-depois-do-quadrado-preto-o-que-mudou-na-moda?srsId=AfmBOoqhy-9aLHXylgqA3-E9ky49M6UTGm5_607zuTqDZkRQ3eVlpaEd. Acesso em: 27, agosto de 2024.

Santos (2023, p. 63) observa que as imposições da classe dominante vão além da inferiorização e apropriação, mas também, segundo o autor, “não domina somente economicamente e socialmente, mas também ideologicamente.” Ao determinar o que é belo e feio na sociedade, igualmente, parâmetros de comportamento que identificam o que é certo e errado a partir das imposições da classe dominante.

No entanto, é notório a mudança de paradigma nas comunidades, favelas e bairros periféricos em que se encontram diversas marcas de moda que buscam a valorização e resgate das suas raízes culturais. Caso optem pela não criação de estéticas afro, são também estigmatizados, conforme Santos (2023):

As produções de estilistas e designers negros são vistas de forma estereotipada na sociedade brasileira e na indústria da moda. Rapidamente relacionam as criações desses indivíduos à estética étnica africana, os denominando e os segmentando exclusivamente como moda afro. Isso mostra como a hegemonia influencia diretamente na moda, já que o “outro”, quando tido como diferente ou inferior, é apenas o rotulado, sem levar em consideração a pluralidade e a diversidade presente em todas as camadas sociais e que, consequentemente, poderiam influenciar os meios de produção. (Santos, 2023, p. 64)

Nesse viés, é interessante mencionar que as produções exercidas por marcas e pessoas do mundo da moda e música observam não somente a ancestralidade afro, mas também, levando em conta a construção do seu próprio universo, território e suas referências de vivências. São diversas as marcas que estão crescendo no país, dentre as marcas nacionais, o autor destaca algumas mais reconhecidas atualmente como: Lab Fantasma, Dendezeiro, Pinã, Da silva entre outras.

Como anteriormente citado, a música e a moda estão interligadas e presentes na vida de muitos artistas brasileiros. A título de exemplo, a marca Lab Fantasma, criada em 2009 na periferia de São Paulo, além de ter sido desenvolvida por um dos rappers mais importantes do país, Emicida, em conjunto com seu irmão, Evandro Fióti, desenvolve uma produção voltada para a construção de uma sociedade melhor. No site oficial da marca, eles definem a identidade da mesma como (2023, s/p.)⁷: “transformação das nossas vidas, da nossa comunidade, do mercado da música, da moda e do audiovisual.” Além disso, a marca também tem como um dos seus objetivos fortalecer historicamente a população afro-indígena brasileira através da coletividade para a valorização da cultura

⁷ LAB FANTASMA, na missão! Por dentro do corre do Lab Fantasma. Disponível em: <https://www.laboratoriofantasma.com/blog/na-missao-por-dentro-do-corre-do-lab-fantasma.html#:~:text=O%20Laborat%C3%B3rio%20Fantasma%2C%20empresa%20Afro,cuidar%20da%20carreira%20do%20rapper..> Acesso em: 27, agosto de 2024.

dos povos.

No mesmo sentido, diante da relação da moda e música nacional, destaca-se também a presença das gêmeas, Tasha e Tracie, como referências na internet e nos palcos. Nascidas na periferia de São Paulo, as gêmeas que têm referências africanas por conta do pai nigeriano, ficaram ainda mais populares pelo fato de utilizarem um *blog*, enquanto ainda adolescentes, a fim de compartilharem os feitos com roupas, principalmente de brechós, prática aliada a batalhas de rimas, como destacado na matéria dada pelas rappers a revista Marie Claire (2022).

Em matéria da ELLE Brasil (2022)⁸, em comemoração à indicação ao BET Awards, premiação criada para homenagear artistas afro-americanos, Tasha e Tracie, resgatam a importância dos pais também serem fãs de músicas e roupas, o que fizeram das mesmas uma dupla cheia de personalidade, desde a personalização de roupas de brechós até a criação de músicas. Na entrevista, as rappers destacam a utilização do site “*Expensive shit: SOMOS ÁFRICA, RAP, RUA! E não damos a mínima pra suas etiquetas*”, para dialogar sobre as temáticas de moda, música e reflexões variadas. As artistas fizeram entre o corre do dia-a-dia, de trabalho em camelôs à exposição de suas produções artísticas com as roupas que tinham desenvolvido a partir de brechós, muito baseada no estilista Dapper Dan, ícone da moda e cultura Hip-Hop dos Estados Unidos, artista primordial na junção da moda de alta costura com o estilo hip-hop dos anos 1980 e 1990⁹

Ao utilizarem da moda nos shows como expressão das vivências e referências do lugar de onde cresceram, Tasha e Tracie, utilizam do espaço conquistado para reafirmar ainda mais a potência de suas combinações com as letras cantadas nos shows e a estética periférica. Ao se vestirem com adereços como boné, óculos estilo Juliette e marcas muito utilizadas por pessoas da periferia, Silva (2023) destaca que ao consumir tais elementos, a dupla desenvolve uma reflexão sobre o que é ser de fato *chic*.

⁸ Marie Claire cultura. Tasha e Tracie: as meninas que todo mundo gosta. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2022/11/tasha-e-tracie-gemeas-rap-as-meninas-que-todo-mundo-gosta.ghtml>. Acesso em: 27, agosto de 2024.

⁹ Mundo Negro. Dapper Dan, responsável por unir a cultura Hip-Hop e a moda, vem para o Brasil em outubro. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/dapper-dan-responsavel-por-unir-a-cultura-hip-hop-e-a-moda-vem-para-o-brasil-em-outubro/>. Acesso em: 28, agosto de 2024.

Figura 1: Capa da ELLE Brasil 2022 com Tasha e Tracie



Fonte: Edgar Azevedo

A construção da música e da moda vem caminhando lado a lado através de vinculações de rappers e artistas com determinadas marcas, isso evidenciado através dos shows e das postagens nas redes sociais dos *looks* de artistas. Na matéria para Elle Brasil (2024, s/p.), destaca-se a importância dessas expressões “A música e moda são representações culturais que mexem com a nossa cabeça, com a nossa maneira de enxergar o mundo, se maquiar, aderir ou não às tendências”. Sendo também um fator político, a música e a moda são representadas nas diversas capas da revista, dentre elas tiveram artistas como Mc Carol e Jorja Smith.

Na recente capa lançada pela revista, estampam as três rappers femininas negras que lideram o rap feminino nacional atual, sendo elas Ebony, Julia Costa e Duquesa. Com uma abordagem voltada para o fortalecimento feminino e negro, as cantoras com diferentes temáticas contribuem para cada vez mais ter um crescimento no rap feminino.

Figura 2: Capa da ELLE VIEW 2024



Fonte: Ivan Erick

Apesar das exposições positivas descritas acima, e necessárias na luta contra a subalternização da cultura negra, não desconsideramos a apropriação seletiva da cultura negra pelo sistema capitalista, em que há uma gerência de costumes e práticas organizados pela classe dominante no mundo. É necessário entender que mesmo com os avanços conquistados e ocupados por pessoas periféricas e negras, há um longo percurso a se trilhar nessa sociabilidade desigual.

Com as contribuições de Santos (2023, p. 80), o qual menciona “Entende-se por decolonialidade a superação dos padrões hegemônicos de poder instaurados pela modernidade/colonialidade, através de estruturas sociais e econômicas, em seu sistema capitalista”, é imprescindível questionar e ir na contramão aos movimento eurocêntricos de opressão e colonialidade ao redor do mundo, no âmbito da moda não seria diferente, visto que, esta prática de mundialização dos moldes europeus é encontrado em diversos segmentos da sociedade.

É nítido que ao ocupar espaços com pouca ou quase nula representatividade negra é de extrema importância e apresenta um enorme avanço para a população negra. No entanto, vale identificar que não se acaba por aí as necessárias transformações na

sociedade. Visto que, são mudanças que atingem patamares pequenos em vista da desigualdade que devasta a população negra, não é apenas com a representatividade que iremos observar a extinção das injustiças sociais.

Os dados de letalidade demonstram que “A favela não venceu”. Segundo a matéria do Brasil de Fato¹⁰ utilizando os dados do Instituto de Segurança Pública, observa que a polícia do Estado do Rio de Janeiro matou 1.327 pessoas, o que corresponde a 29,7% do total de mortes violentas do Estado. Nesta reportagem também foi identificado que 87,3% dos mortos em 2021 no Rio de Janeiro eram negros.

Tendo isso em vista, observa-se que a representatividade negra nos diversos âmbitos sociais de poder, como nas universidades, política e demais espaços de prestígiosocial, espaços que possam possibilitar algumas mudanças na estrutura social é imprescindível para o avanço dos debates que estruturam a sociedade brasileira. Para isso, como exemplo, destaco a presença de Erika Hilton no congresso brasileiro, que representa um enorme avanço de pautas e de visibilidade; bem como, a inserção da então professora do curso de Serviço Social da UFOP, Sheila Almeida, na integração do Ministério da Igualdade Racial do governo federal. São movimentações importantes que fortalecem para uma futura transformação social.

Em suma, é importante progressivamente ampliar esses espaços e darem voz para mulheres e homens negros periféricos a fim de auxiliar e produzir avanços contra essa condição desigual. Ao ocupar os diversos patamares das camadas sociais, a diversidade negra é capaz de tensionar a realidade brasileira desigual, para que tal grupo, além de abordar a temática racial possa ser capaz de elaborar conhecimentos diversos e serem tópicos de assuntos que perpassam a temática da violência sofrida na sociedade. Nesse sentido, para alcançar essa transformação em sua totalidade é necessária a luta constante.

3.3 Mídias digitais / redes sociais: possibilidades de diversidade

A partir da globalização da internet, é cada vez mais nítida a presença de diferentes grupos de menor expressão social nos espaços digitais, seja na criação de conteúdo ou apenas com conta particular. Dessa forma, tais espaços têm sido fundamentais para representatividade, visibilidade e ampliação dos conteúdos que pessoas negras se

¹⁰ Brasil de Fato. Polícia do Rio de Janeiro foi responsável por quase 30% das mortes violentas no estado em 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2023/01/31/policia-do-rio-de-janeiro-foi-responsavel-por-quase-30-das-mortes-violentas-no-estado-em-2022>. Acesso em: 29, agosto de 2024.

identificam e produzem. Tal inserção foi tema de pesquisa de Santos e Nascimento (2020):

As juventudes vêm incorporando cada vez mais as mídias digitais as suas interações e relações. A partir da incorporação desse instrumento, as discussões políticas estão cada vez mais evidentes. Cada vez mais, jovens LGBTQIA+, negras/os, mulheres, pobres, pessoas com deficiência, têm construído outras narrativas para suas experiências e vivências. (Santos; Nascimento, 2020, p.4)

A rede social *Instagram* é uma das redes sociais que mais acumula esses usuários, a partir da diversa possibilidade de comunicação e troca de informações. A rede social é espaço de diálogos e trocas positivas, como na presente pesquisa será destacado, como também, interações que visam discursos de ódio e indicações falsas. De acordo com os dados da Comscore, utilizados como base na matéria do G1¹¹, o Brasil ocupa o 3º lugar no mundo em acesso às redes sociais, dado que evidencia o quão conectados os brasileiros são, mas sem desconsiderar que apesar da globalização ser uma ampliação de informações e acessos, há também seus malefícios, incluindo a superficialidade de parte significativa desses conteúdos.

Ao abordar sobre o *Instagram*, é inevitável se falar que, anteriormente à presença das mídias digitais, as mídias televisivas eram padrões repetitivos da sociabilidade brasileira racista, em que prevaleciam os padrões racistas e estereótipos racializados. A matéria da revista da USP¹² dialoga com o autor de uma pesquisa na área, Tiago Vinícius, em que ele afirma o poder que os meios de comunicação podem ter nos fatores de intensificação das violências presentes na sociedade.

O resultado disso é que o discurso midiático brasileiro primeiro fortalece a ideia da branquitude, do privilégio branco. Os protagonistas são brancos, em sua maioria. E há uma hipervalorização do negro em relação à criminalidade e à pobreza. Isso cria uma naturalização do que é ser branco e do que é ser negro no Brasil (Vinícius, 2020, s/p.)

Mesmo que de forma restrita, a presença negra através das telenovelas é representada com estereótipos que reforçam os ideais racistas a partir de papéis de criminalidade e trabalhos domésticos, ocupados por pessoas negras, o que acaba por reproduzir a inferiorização de pessoas negras.

¹¹ G1. Brasil é o 3º maior usuário de redes sociais no mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/sebrae-parana/juntos-para-empresender/noticia/2024/05/17/brasil-e-o-3o-maior-usuario-de-redes-sociais-no-mundo.ghml>. Acesso em: 28, agosto de 2024.

¹² JORNAL DA USP. Representatividade negra: qual é a cor dos donos das concessões de rádio e TV no Brasil. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/representatividade-negra-qual-e-a-cor-dos-donos-das-concessoes-de-radio-e-tv-no-brasil/>. Acesso em: 28, agosto de 2024.

Conforme observado por Santos e Nascimento (2020), o desenvolvimento das mídias digitais tem sido fator importante na modificação da sociabilidade mais aberta, ao desenvolverem comunidades nas mídias que favorecem relações mais horizontais e menos hierárquicas.

A partir da inserção de minorias nas redes sociais, a história acaba se diferenciando pela busca e possibilidade de postarem temáticas próprias de sua escolha. Por meio da dissertação sobre mulheres negras e as mídias digitais, a autora Tauani Oliveira observa (2020, p. 55): “Os negros estão buscando sua própria identidade, pelos próprios gostos e não mais aceitando o que é imposto pela mídia tradicional, pelos mais distintos polos de poder, atualmente, a busca de identidade está mais intensa do que nunca.”

Nesse sentido, é observada uma gama de perfis na rede social em que o tema central é a produção de conhecimento, divulgação, entre demais temas voltados para a negritude e a sua respectiva identidade, como também, seu fortalecimento. Esse movimento ressalta a busca de pessoas negras pelas suas origens que muito foram inferiorizadas em virtude da valorização de aspectos europeus e brancos. Outrossim, como destaca Oliveira (2020), há uma relação de companheirismo e fortalecimento de pessoas negras das mídias digitais com seus admiradores no quesito de estimular os seus trabalhos, dado também, a importância da rede social como espaço de difundir a imagem dessas pessoas e estreitar as relações com os demais usuários.

Pode até ser que elas não tenham conquistado visibilidade e respeito por meio do Instagram, mas a utilização desse meio colabora a elas serem lembradas, difundirem seus trabalhos e estabelecerem uma relação próxima dos seus admiradores, possibilitando também que possam atingir outros indivíduos. (Oliveira, 2020, p. 56)

Como ponderado e tratado durante a pesquisa, as estruturas são racistas, então consequentemente as mídias, infelizmente, podem ser ocupadas por discursos de pessoas racistas. No entanto, esse espaço é fundamental para desenvolver outras temáticas além do quesito da violência racial, evidenciando que pessoas negras também estão presentes em outras temáticas, como também, gostam de dialogar sobre diversos assuntos, do profissional ao âmbito particular, Oliveira observa (2020):

ou até mesmo uma jovem influenciadora digital expressar para milhares de seguidores, em pleno século XXI, sobre suas vivências cotidianas como mulher negra - entre outras - significa que elas estão discursando sobre como as questões que envolvem a negritude não vão mudar o passado, mas podem contribuir para as mudanças que poderão ocorrer, já que “o que se altera não é o tempo, mas o ritmo da alteração das estruturas sociais” (Heller, 2000, p. 3 *apud* Oliveira, 2020, p. 46).

A comunicação é fator fundamental para enunciar novas narrativas, como também, no desenvolvimento de saberes, através disso, observa-se a importância da assiduidade de pessoas negras nesses locais, as quais corroboram para desmistificar as construções de estereótipos que inferiorizam a população negra, como foi realizado também nas criações de jornais e movimentos sociais ocupados e liderados por negros.

Ao reafirmar nossa identidade e nossos interesses diversos nas mídias digitais, é um modo de tensionar o molde hegemônico que nos coloca em patamares de subordinação. Ademais, ao abordar nas diversas redes de mídias digitais assuntos de beleza, moda, cultura e até mesmo conteúdos do cotidiano, observa-se a criação de uma rede que reforça a identificação e autoestima entre pessoas negras.

Conforme destaca a admirável autora bell hooks (2019, p.53) “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras.” Amar nossa cultura e identidade é fundamental para sobrevivermos, para resistirmos em coletividade.

3.4 Africanizeoficial: perfil de exaltação negra no Instagram

O perfil para análise das publicações, tendo em vista as temáticas trabalhadas é o Africanizeoficial, presente em diversas redes sociais como Instagram, X (Antigo Twitter), Youtube, Telegram, LinkedIn, TikTok e no serviço de streaming de músicas, Spotify. Esse perfil também conta com um site no Google.

Através deste site, pode-se notar algumas características do perfil e algumas de suas principais abordagens de assuntos. Na coluna “sobre nós” evidencia um pouco sobre a sua identidade e intuito da sua criação, definindo o perfil como:

A Africanize é um perfil nas redes sociais criado em 2014 para exaltar perfil de pessoas pretas no Brasil, sem distinção, que começou mostrando a beleza preta e depois ampliou para outros temas como: serviços, artistas, profissionais da saúde, história, cultura, notícias, racismo e etc. Atualmente é um perfil referência com grande poder de influência e posicionamento sobre temas relacionados ao movimento preto e racismo. (Africanize, 2023, s/p)

Contando com o número de quase 2 milhões de seguidores no perfil do Instagram e afirmando seu poder de influência e referência com a temática negritude, o site se organiza em alguns tópicos relacionados à negritude que vai desde notícias, entretenimento, *lifestyle*, educação, cultura, esportes até artigos de opinião. Dentre essas

categorias, são abordados temas e pessoas nacionais e internacionais relacionadas a moda, beleza, saúde, música, filmes/séries entre outros assuntos elaborados por pessoas negras.

Tem como perspectiva o caráter da ampliação e exaltação das pessoas negras a partir de diversos tópicos, que não sejam somente o racismo, mas que sobretudo, resgate e evidencie as produções negras na sociedade, destacando a presença negra na moda e música e suas construções que inspiram e fazem um papel importante de ocupar espaços em que não haviam a presença de pessoas negras.

Em seu site, é possível notar também a afirmativa de ênfase na divulgação e ampliação do mundo negro “A Africanize é um portal com intuito de destacar o universo negro, levando notícias e entretenimento por meio das mídias sociais.” (Africanize, 2023, s/p). Fazendo uso da rede social LinkedIn, a fundadora e CEO do perfil, Wanessa Fernandes, também explica e reforça o intuito da criação do perfil nas mídias digitais, ao evidenciar a busca de exaltar e celebrar o conteúdo negro nas mídias digitais “apaixonada por promover a representatividade e a conscientização sobre a comunidade negra no Brasil.” (LinkedIn, s/p)

3.5 Expressões artísticas no mundo da música e moda a partir do perfil do InstagramAfricanizeoficial

Tendo como referência o objetivo geral desta pesquisa de levantar e analisar as estratégias culturais de resistência negra na moda e na música a partir do perfil do Instagram Africanizeoficial, neste tópico, utilizaremos da análise documental para compreendermos as postagens do referido perfil, voltadas para moda e música, que estejam conectadas com uma perspectiva de resistência cultural.

O perfil Africanizeoficial consta em várias redes sociais, conta com 1,9 milhões de seguidores enquanto segue 2.207 pessoas em seu perfil, e conta com 14.271 publicações desde sua criação, em 2014. Apresenta diversificados posts que exaltam e ampliam conhecimentos sobre pessoas negras na cultura e entretenimento, o que compreendemos como estratégia relevante de combate ao preconceito e ao racismo.

Para a construção da análise, foram mapeados alguns *posts* a partir da temática escolhida. Assim sendo, foram analisadas algumas postagens que têm relação com a resistência através da moda e da música, não considerando o critério de período, visto que, muitas das publicações também exaltam artistas negros internacionais, e nosso foco está na realidade nacional.

Para a análise da temática a partir do perfil, foram analisados 8 posts no total sendo 7 posts no ano de 2024, contando com apenas 1 publicação referente ao ano de 2022, publicações essas realizadas através do perfil no Instagram. Vale enfatizar que por questões de configurações do perfil, não foi possível identificar os números de curtidas de alguns *posts*. Para melhor identificar esses assuntos e dados coletados do perfil foi desenvolvida na tabela 1.

Tabela 1: Dados sobre o levantamento e análise das publicações do perfil Africanizeoficial

| Nº post | Nº figura | Data Publicação | Conteúdo principal | Artista envolvido | Interações (Curtidas) | Interações (Comentários) |
|----------------|------------------|------------------------|-------------------------------------|---------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| 1 | 3 | 04/06/2024 | Capa da Revista Bazaar | Erika Hilton | - | 2 |
| 2 | 4 | 01/07/2024 | BET Awards Premiação Internacional | Bia Ferreira, BK | 146.000 | 517 |
| 3 | 5 | 22/06/2024 | Show em Paris Festival de Música | Duquesa | - | 50 |
| 4 | 6 | 12/09/2022 | Rock in Rio | Ludmilla | 14756 | 138 |
| 5 | 7 | 19/09/2024 | Capa da Revista Glamour | Agnes Nunes | - | 8 |
| 6 | 8 | 19/08/2024 | Lançamento de Álbum | Liniker | 22.114 | 205 |
| 7 | 9 | 19/09/2024 | Show e Parcerias | MC Soffia | 14.240 | 144 |
| 8 | 10 | 23/09/2024 | Demonstração de Carinho e admiração | Milton Nascimento, Djonga | 3.570 | 11 |

Fonte: Elaboração própria

Na imersão no perfil, foi observada uma gama diversificada de posts com o foco em pessoas negras no perfil, são observadas publicações com artistas internacionais e nacionais, que vão desde a produção de moda e música de Kanye West (Ye) aos trabalhos da marca brasileira dendezeiro, a qual realiza um trabalho extremamente importante na moda brasileira.

Ao longo do *feed* do perfil, nos últimos meses, são centenas de *posts* que visam a exaltação das pessoas negras na música, moda e entretenimento, como também, na exposição e denúncia de racismo. Destaque para a influência que pessoas negras têm na moda e música e a importância dos mesmos para quem os acompanha e apreciam os seus trabalhos.

Para iniciar as análises, considera-se importante destacar a primeira postagem, deputada federal mais votada em 2020, Erika Hilton, mulher trans e negra, que se destaca como figura imprescindível na militância e política brasileira, como capa da revista BAZAAR. Sendo uma ícone da moda, a deputada brasileira em entrevista para o programa *Provoca* (2024)¹³, enfatiza o fato da moda também ser política, no sentido do quão importante a moda e beleza no cenário político, sendo um fator de estratégia de comunicação. Ao se declarar mais pop e fashionista, a deputada incentiva e realiza a busca de uma política mais aberta para as pessoas e, principalmente, para os jovens.

Com sua relação com a moda, a ativista política também é observada nas passarelas de moda, nas fileiras e em seus perfis de comunicação na internet expondo seus *looks*, como também, nas capas de revista, como observado no *print* a seguir, ao estampar a capa da revista BAZAAR de 2024. Ao observar o *print*, é possível notar a presença da legenda do perfil, ao exaltar a capa de Erika, válido também identificar os comentários de seguidores da página de apreciação pelo editorial da militante.

¹³ PROVOCA. ERIKA HILTON discute a importância da MODA para COMUNICAR POLÍTICA. Youtube. 20 de ago. De 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38xdznmhAGBE>. Acesso em: 8, setembro de 2024.

Figura 3: Post do perfil africanize sobre a capa ocupada por Erika Hilton



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

Em 1 de junho, o perfil no Instagram publicou os *looks* de alguns artistas e influenciadores nacionais e internacionais que compareceram na maior premiação sobre música preta nos Estados Unidos, o *Black Entertainment Television* (Bet Awards). Dentre as pessoas destacadas estão a influenciadora Bia Ben (de vestido branco) que utiliza das suas redes sociais para compartilhar sua vida pessoal e a jornada de mãe solo ao lado de seu filho Ben. Querida nas redes sociais, a influenciadora recebeu muitos elogios pela sua beleza na premiação como: “Bia patrimônio brasileiro”, “Bia Benn tá um escândalo, perfeitaaaaa”.

Na mesma publicação com estilo carrossel, em que se publica várias fotos ou vídeos, está presente um dos nomes mais importantes da cena do rap nacional, o rapper BK, Abebe Bikila foi nomeado na premiação na categoria “Melhor Artista Internacional”, ao lado de outros artistas brasileiros.

Figura 4: *Post* do perfil africanize sobre o prêmio BET Awards



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

Ao analisar outra publicação do perfil, fica também nítida a junção da música e da moda no ambiente artístico, em virtude da postagem anunciar show da rapper Duquesa em Paris durante a Paris Fashion Week, evento que é presença de diversos artistas, que ocorre durante uma semana com diversos estilistas e desfiles. A presença da rapper e outros artistas brasileiros como FBC presentes no evento é fundamental para a ampliação da ressonância da música e moda brasileira, é uma vitória coletiva acompanhar artistas e países latinos americanos ocuparem esses espaços.

Figura 5: *Post* do perfil africanize sobre o show da rapper Duquesa em Paris



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

Em 2022, em sua primeira edição do festival Rock in Rio, a cantora Ludmilla realizou uma apresentação épica que contou com a denúncia de racismo sofrido pela cantora e também a presença de figuras ilustres como Tasha e Tracie, Tati quebra barraco, Majur e MC Soffia no show da artista. A apresentação foi palco também de resistência, ao utilizar a blusa da seleção brasileira de futebol, símbolo que por muito tempo foi vinculado a políticos de direita. Para Santos (2023), a utilização da vestimenta era sobre o resgate da cantora do orgulho de ser brasileira.

Figura 6: *Post* do perfil africanize sobre o show da Ludmilla no Rock in Rio



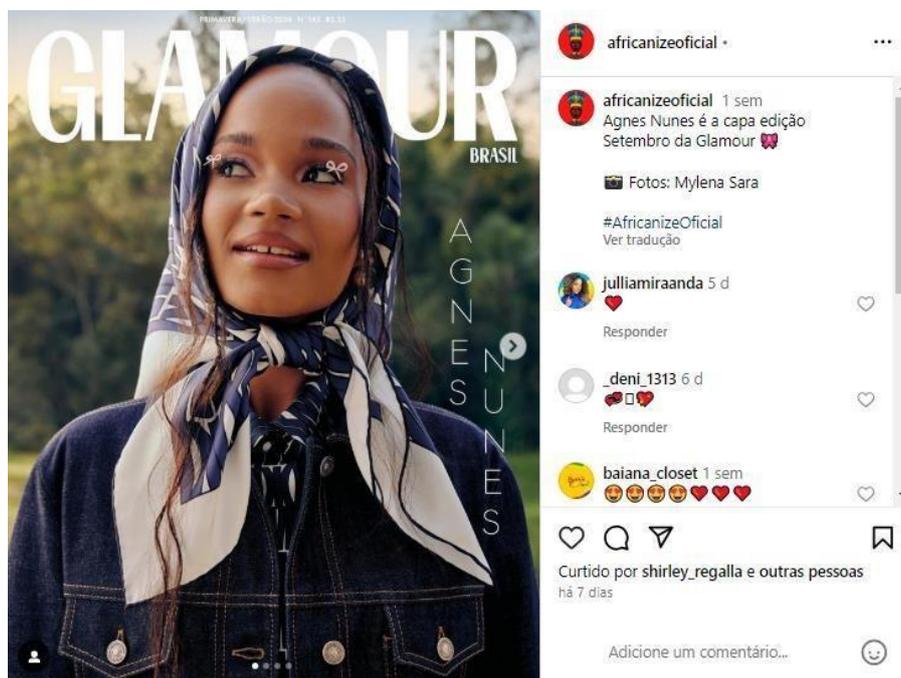
Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2022.

Com apenas 22 anos, a cantora Agnes Nunes se desenvolve no campo do gênero da Música Popular Brasileira (MPB), admiradora de diversos artistas brasileiros da MPB e fã de Elza Soares, foi capa de setembro de 2024 pela revista Glamour.

Na publicação do africanize comemora-se a capa da artista, a qual foi exaltada também nos comentários. Em entrevista para a revista Glamour, a atriz fala um pouco da sua carreira, ao relacionar seu contato com a música por conta da influência de seus pais, por ter sido apresentada, desde nova, aos artistas da MPB. A cantora e compositora cita também como a música foi válvula de escape para se sentir viva, expressando sua dor de ter sofrido racismo quando era criança, destaca que cresceu solitária e a música era seu refúgio, na entrevista para a Glamour a artista ressalta o orgulho de suas raízes:

Eu me sinto muito orgulhosa de ser sertaneja, paraibana, nordestina, de ser mulher, de ser preta. E eu sempre vou me orgulhar dessa força e esperança, desse saber que amanhã pode ser um novo dia. Eu vou construindo as coisas aos poucos. Eu sou pequenininha, mas meus sonhos são muito grandes. (GRAÇA, 2024)

Figura 7: *Post* do perfil africanize aborda a presença de Agnes Nunes na capa da revista Glamour



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

É imprescindível desenvolver também uma exposição sobre o trabalho da artista Liniker, para isso, destaca o *post* a respeito do lançamento do novo álbum da compositora. Com uma discografia impecável, a cantora se destaca também a partir do seu viés na moda, ao desfilas nas passarelas e também expor em seus shows sua relação revolucionária com a moda. Ao Correio do Povo¹⁴(2023), afirma que o seu olhar para a moda é no sentido de ver diversidade e ver pessoas diferentes e parecidas como ela.

Desse modo, no viés musical, através de seu último álbum recentemente lançado “CAJU”, a artista alcança 30 milhões de plays na plataformas de streaming, segundo a matéria do Terra¹⁵. Sendo Liniker uma mulher trans e negra, acompanhar a artista alcançar lugares importantes com suas canções que falam de amor, cuidado e autoestima é extremamente importante e emancipador.

¹⁴ CORREIO DO POVO. "Gosto da moda que me possibilita ver diversidade", diz Liniker, que desfila três vezes no SPFW. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/bellamais/gosto-da-moda-que-me-possibilita-ver-diversidade-diz-liniker-que-desfila-tr%C3%AAs-vezes-no-spfw-1.1038684>. Acesso em: 10, setembro de 2024.

¹⁵ TERRA. Liniker alcança mais de 30 milhões de plays com o álbum 'Caju'. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/liniker-alcanca-mais-de-30-milhoes-de-plays-com-o-album-caju.3a3afad1397402b8049091354c4f9bafa4ab451h.html#:~:text=A%20artista%20Liniker%20conquistou%20um,seu%20segundo%20%C3%A1lbum%20solo%20Caju>. Acesso em: 10, setembro de 2024

Figura 8: Post do perfil Africanize sobre o novo álbum da artista Liniker



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

Para uma sociedade em que, infelizmente, “O transfeminício se caracteriza como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo.” Berenice Bento (2017, p.1), é inevitável comemorar o feito de artistas negras e trans na cena brasileira, entendendo que, a sociedade é violenta com essas pessoas e notar a presença de pessoas como Liniker e Erika, destaca passos que foram alcançados através de muita luta.

Em outro conteúdo abordado pelo perfil, está a comemoração da apresentação da rapper MC Soffia no Rock in Rio 2024, sendo um ícone da música e da moda, expressada nos seus shows e no perfil do Instagram, a artista explora *looks* incríveis com referências da periferia e da exaltação da camisa brasileira de futebol nas suas postagens.

Ao celebrar a apresentação em um dos maiores festivais do mundo, MC Sofia evidencia também um desabafo sobre a ausência de investimento das marcas em seu trabalho, visto que, o valor da apresentação foi investido pela artista. Sendo elogiada com diversos comentários de apreciadores, a publicação feita no mês de setembro apresenta diversos comentários, ressaltando o talento e a beleza da artista, em um deles, uma

admiradora ressalta o racismo estrutural como embate na carreira da artista: “MC Sofia é talentosa, entrega tudo na sua arte, uma pena que o racismo estrutural não deixa essa garota está no patamar que ela merece. Mas, torço muito por você maravilhosa, se você fosse estadunidense teria mais oportunidade. ”, em outro comentário, um admirador coloca “Gosto dela. Tem estilo, se esforça bastante, valoriza a cultura afro e vive ela. □□□”

Figura 9: *Post sobre show de MC Soffia no festival Rock in Rio*



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

Em um post feito pelo perfil, exalta-se o encontro de dois grandes artistas brasileiros, o mineiro de coração, Milton Nascimento e o rapper Djonga, nascido e criado em Belo Horizonte.

Um dos mais importantes artistas da história brasileira, nascido no Rio de Janeiro, mas criado em Minas Gerais, Milton carrega um legado gigantesco na música com seu repertório voltado para a Música Popular Brasileira (MPB). Formado em Belo Horizonte, o clube da esquina contava com a participação do belorizontino Lô e Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Fernando Brant, Tavinho Moura, Beto Guedes, Flávio Venturini, Toninho Horta e Milton. No álbum Clube da esquina em 1972, apresentava-se um viés político sobre o contexto histórico de censura e repressão com o regime Militar de 1964,

período esse que exilou e violentou diversos artistas da MPB, pelas canções que indiretamente ou diretamente denunciavam o contexto violento.

Contrário a ordem vigente, Milton produziu o disco “Milagre dos Peixes” em que teve diversas músicas alteradas ou cortadas do álbum. Segundo a matéria do site História de Ditadura (2023, s/p)¹⁶, Bituca alterou as letras censuradas pelo regime com a utilização de vozes e sussurros, assim “Contornando a censura, Milton se utilizou desses artifícios para expressar aquilo que a ditadura o proibira de cantar. Com a virtuosidade que lhe é peculiar, usou entonações que buscaram traduzir aquilo que estava contido nas letras que a ditadura ocultou à força.” Abordando sobre racismo e demais violência Milton se torna um dos artistas mais importantes da música brasileira, ao mesmo tempo que o artista inova nos instrumentais, nas canções escritas com muita resistência e luta.

Ao se utilizar do rap, o artista Gustavo, mais conhecido como Djonga, denuncia e explora também nas suas canções questões raciais e sociais vivenciadas e estudadas pelo artista. Por dentro de seus álbuns, o mineiro aborda temáticas importantes que possibilitam a discussão e conscientização de jovens negros. Em um de seus álbuns, Heresia, o rapper destaca a sua apreciação pelo artista Milton Nascimento e o grupo Clube da Esquina, ao referenciar a capa produzida em 1972, em entrevista para o Jornal O tempo¹⁷ o artista discorre sobre essa analogia.

Sou um cara de BH, um lugar onde a cultura é grande, a arte é forte, mas onde quase ninguém consegue vingar. O Clube da Esquina deu certo, vingou, no sentido de romper as barreiras do Estado. É a questão do cânone. Quis, humildemente, me comparar. Assim como eles, consegui ter êxito na carreira (O TEMPO, 2017)

Na mesma entrevista, ao identificar essa relação como admirador e ressaltar que para produzir arte deve se ter coragem, o artista apresenta que as temáticas que organizam o álbum são questões que atravessam a sua indignação com a ausência de aproximação de temas na cena do hip-hop, como o embranquecimento no rap e das vivências do negro e do povo periférico.

Os dois artistas, por mais que estejam em diferentes gêneros musicais, são complementares na música brasileira ao trazer de forma crítica a realidade desigual que

¹⁶ HISTÓRIA DA DITADURA. 50 anos de "Milagre dos Peixes": Milton Nascimento e a censura. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/50-anos-de-milagre-dos-peixes-milton-nascimento-e-a-censura>. Acesso em: 10, setembro de 2024.

¹⁷ O TEMPO ENTRETENIMENTO. Reverência e provocação com o Clube da Esquina. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/reverencia-e-provocacao-com-o-clube-da-esquina-1.1495298>. Acesso em: 12, setembro de 2024.

se instaura, desde o processo violento de colonização até os dias atuais, o caminho percorrido por Milton e agora também por Djonga, representam uma importância para também os jovens que os admiram e acompanham. No perfil pessoal do rapper, ao publicar a foto com Bituca, legenda a legenda destaca a honra de estar ao lado do mesmo “gratidão pela tarde de aprendizado, meu amigo, maior ídolo e maior cantor do mundo!”

Figura 10: *Post* do perfil Africanize destacando o encontro dos artistas Milton Nascimento e Djonga



Fonte: Africanizeoficial - Instagram, 2024.

Nessa relação importante, ao produzir música e moda com sua própria identidade, apresenta um viés político de transformação para a sociedade em que os moldes eurocêntricos são superiores.

Ao utilizar-se da moda e da música como fator de resistência, reivindicação e contribuição para a construção e exaltação da própria identidade, é nítido o tensionamento das estruturas sociais, com esse desenvolvimento e ocupação de artistas negros nos diversos lugares, seja em festivais, passarelas de moda, como também observado, nas mídias digitais.

Fundamentado nas demais publicações do perfil e as aqui analisadas, observa-se um parâmetro de valorização e divulgação do trabalho negro a partir dos seus trabalhos desenvolvidos no mundo da música e da moda. O perfil e as publicações feitas exercem

um papel fundamental de valorização da cultura e identidade negra. Válido identificar um ponto fundamental no perfil analisado, existe uma relação entre seguidores e o perfil, visto que, o perfil possui um número alto de engajamento com curtidas e comentários, o que evidencia um grande número de pessoas que identificam e interessam-se pelo conteúdo de orgulho voltado ao protagonismo negro.

Para finalizar a exposição da análise, destaca-se a fala do rapper Mano Brown ao *diplomatique* aqui já destacada durante a pesquisa.

Não é porque você é negro que eu tenho que falar de favela com você. Que porra de preconceito é esse? Vejo muitos negros querendo falar de outras coisas. Na verdade, os negros querem falar de outras coisas. Esse é o ponto. O branco vai entender isso também, mas vai demorar um pouco. A gente tá ligado às coisas que aconteceram há quatrocentos anos. Nós queremos novidade. Eu vejo a raça negra buscando a tecnologia, a beleza. (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2018)

O rapper nessa exposição busca identificar a pluralidade do negro em diversos âmbitos sociais, ampliar as construções e espaços para o negro, além de abordar sobre o racismo, criar sua própria identidade e fortalecê-la, assim, relaciona-se com o perfil e as temáticas aqui construídas, o mundo da moda e música foram e são relacionados ao campo político.

Nesse sentido, ao identificar que os artistas aqui citados se utilizam do meio artístico do mundo da música e moda como forma de luta e resistência, vale ressaltar que são pessoas que vivenciaram e estão vivenciando as estruturas racistas e desiguais do capitalismo, mas que utilizam tais meios como estratégias para abordarem e reafirmarem a identidade e a força negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto-histórico brasileiro expõe a realidade desigual em que foi construída, a partir do genocídio e marginalização do negro e indígena. As questões de raça, gênero e classe são fundamentais para entender a formação brasileira e a sua superexploração. O processo histórico é destacado ao longo da pesquisa para ressaltar a importância de identificar a situação que tais grupos se encontram na sociabilidade regida.

O que se pode notar a partir do desenvolvimento da pesquisa é a resistência das pessoas negras em virtude de um sistema capitalista racista, machista, classista e periférico. Dentre as diversas exposições ao longo do trabalho, são observadas as diversas práticas que alimentaram a desigualdade e o racismo, visto até os dias de hoje, ao mesmo tempo em que a branquitude se (re)organiza para manter o seu lugar de privilégio e poder. Se os movimentos organizativos e culturais negros sempre foram muito reprimidos pelas condições estruturais da sociedade capitalista e pelas imposições dos moldes hegemônicos e eurocêntricos nos quais fomos constituídos, ressaltamos que a cultura das pessoas negras não foi dizimada por causa da resistência constante, o que inclui os bailes, as canções de revolta e busca por igualdade social, como foi visto através das músicas do grupo Racionais MC 'S.

A mundialização da internet tem sido importante para ser uma contraposição aos meios de comunicação tradicionais, que historicamente reproduziram representações estereotipadas e negativas sobre a população negra. Ainda que dominada pelo capital, e também reprodutora do racismo, a internet abre mais possibilidades para pessoas negras falarem de si. Sujeitos negros tornam-se protagonistas na divulgação das suas artes através da plataforma Instagram, por exemplo, trazendo a possibilidade de evidenciarem uma nova narrativa que valoriza pessoas negras e suas próprias identidades.

Artistas negros brasileiros estão sendo referências, ocupando e sendo exaltados em diversas premiações, como também, nas suas redes sociais, como foi visto na exposição e análise das publicações do perfil Africanizeoficial, o que gera identificação e autoestima em quem acompanha.

Na relação questão racial e Serviço Social, a ex-presidente do Conselho Federal de Serviço Social, Josiane Soares Santos, explicita:

Queremos nos somar, de forma incisiva, às denúncias já protagonizadas pelo movimento negro em suas mais distintas organizações e também por estudos e pesquisas que demonstram, por meio de dados, como a classe trabalhadora no

Brasil tem cor; como a população carcerária no Brasil tem cor; como os desempregados e população de rua no Brasil tem cor; como as ocupações mal remuneradas são destinadas ao povo negro (Santos, *apud* CFESS-CRESS, 2018, p.16)

Como observado durante o desenvolvimento da pesquisa, fica nítida a frase da atriz e autora negra Viola Davis: “A invisibilidade do combo formado pela negritude e pela pobreza é algo brutal”. Ao Serviço Social, é importante não desconsiderar quem são os sujeitos atendidos pela profissão, são sujeitos que têm raça, cor, etnia, gênero, sexualidade, e tantas outras dimensões que os envolvem. A moda e música como estratégias de resistência negra também são temas a serem abordados na profissão, pois estão na realidade daqueles que são atendidos pelo Serviço Social. Assim como para a comunidade negra, podem servir como estratégias de resistência.

A música e a moda são espaços formativos, de conscientização política para jovens, o que é extremamente potente. Como afirma a autora hooks (2019, s/p) “Somente o ato e a prática de amar a negritude nos permitirá ir além e abraçar o mundo sem a amargura destrutiva e a raiva coletiva corrente.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Mulher Negra no Mercado de Trabalho. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 479, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466>. Acesso em: 20, junho de 2024.

BENTO, Berenice. Brasil: país do transfeminicídio. Rio de Janeiro: **Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos**, 2017.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão**. - 10^a. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2012]

CAETANO, Janaína Oliveira; CASTRO, Helena Carla. Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 153–179, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i27.12106. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/12106>. Acesso em: 27 de junho de 2024.

CARRANÇA, Thais. **Com Bolsa Família 'turbinado', número de negros na pobreza ainda é o triplo de brancos**. BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn036x357eyo>. Acesso em: 17, outubro de 2024.

CFESS-CRESS. Nossa escolha é a resistência. Edição nº4 / Ano 4 Brasília (DF), maio de 2018. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/2018-ServicoSocialNoticia-Site.pdf>. Acesso em: 20, setembro de 2024.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Organização de Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Viola. **Em busca de mim**. Tradução: Karine Ribeiro. 1 ed.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007. Acesso em: 25, maio de 2024.

DUSSEL, Enrique. **1492 O encobrimento do outro. A origem da modernidade: Conferências de Frankfurt**. Segunda parte. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FERREIRA, Carlos Eugenio de Carvalho. **Mortalidade infantil e desigualdade social em São Paulo**. 1990. Tese (Doutorado em Epidemiologia) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. doi:10.11606/T.6.2018.tde-08012018-

122624. Acesso em: 2024-09-20.

FERNANDES, Saulo Conde; SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. O lugar da macumba no campo religioso afro-brasileiro. **Revista Ñanduty**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 63–82, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/2573>. Acesso em: 17 out. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **A JUVENTUDE NEGRA BRASILEIRA E A QUESTÃO DO DESEMPREGO**, 2019. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gonzalez/1979/04/28.pdf>. Acesso em: 20, Maio de 2024.

GIL, Antonio Carlos, 1946 - como elaborar projetos de pesquisa/ Antonio Carlos Gil. – ed.– São Paulo: Atlas, 2002.

JESUS, R. E. de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 34, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/21287>. Acesso em: 12 jul. 2024.

JESUS, Rodrigo Ednilson. MECANISMOS EFICIENTES NA PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR DE JOVENS NEGROS: ESTEREÓTIPOS, SILENCIAMENTO E INVISIBILIZAÇÃO. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n.34,e167901, 2018, p. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rzs7bGtj4LKQSCkqz8rMdvD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20, junho de 2024.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da Economia Política**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO, José Patrício Pereira. Direitos indígenas / José Patricio Melo.- Crato-CE: URCA, 2020.

Jovens negros estão dez anos atrás dos estudantes brancos no ensino médio, diz IBGE. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/30/jovens-negros-estao-dez-anos-atras-dos-estudantes-brancos-no-ensino-medio-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 05 de janeiro, 2024.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Beleza Negra, ou: ora-yê-yê-ô**. Jornal Mulherio ,Ano 2, número 6, Março/Abril – 1982, p. 3.

MENEGAT, E. M.; BALBINO, S. de C.. Periferia, mercado de trabalho e cor: configurações sócio-territoriais do racismo brasileiro. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 335-345, ago./dez.2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra** / Kabengele Munanga. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. Revista USP, v. dez./jan./fe 2006, n. 68, p. 46-57, 2006.

Moura, Clóvis. Brasil: **Raízes do Protesto Negro**. São Paulo, SP: Global Editora,1983.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. **CADERNO DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO** . São Paulo, V.1, N° 3, 2° SEM. p. 1-5. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf . Acesso em: 10, Maio de 2024.

OLIVEIRA, Ana Carolina Delgado de. **Novas imagens, velhos conceitos: a produção de imagens de moda no Brasil e a visibilidade dos modelos negros**. / Ana Carolina Delgado de Oliveira. – Rio de Janeiro: UFRJ / PPGSA – IFCS, 2007.

OLIVEIRA DOS SANTOS, Everton. **A periferia adora inventar moda: contribuições do design de moda-vestuário na periferia soteropolitana**. / Everton Oliveira dos Santos. -- Salvador, 2023.

RIGHI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia: construção identitária do negro no imaginário do RAP brasileiro**. 2011. 515 f., il. Tese (Doutorado em Literatura)— Universidade de Brasília/Université Européenne de Bretagne, Brasília/Rennes, 2011.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop – A periferia grita**. São Paulo-SP: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, H. M. M; NASCIMENTO, S. C. G. **Culturas Digitais, Juventudes e Política: as mídias digitais como espaço de reconhecimento e fortalecimento da negritude**. Maceió, UFAL, 2020.27p.

SANTOS OFM, Frei David. **SETE ATOS OFICIAIS QUE DECRETARAM A MARGINALIZAÇÃO DO POVO NO BRASIL**, 2014. São Paulo. Disponível em: https://www.educafro.org.br/site/wp-content/uploads/2014/07/os_sete_atos.pdf. Acesso em: 20, junho de 2024.

SILVA, Mozart Linhares da. Miscigenação e Biopolítica no Brasil. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 4, n. 8, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10480>. Acesso em: 23, de junho de 2024.

SILVA, Priscila Elisabete da. **O conceito de branquitude: Reflexões para o campo de estudo.** In: MÜLLER, Tânia; CARDOSO, Lourenço. Branquitude: Estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris editora, 2017. p. 19 – 32.

SOUZA, Cristiane Luiza Sabino de. **Marx e o estudo da questão racial: elementos para uma análise desde a América Latina.** Revista Fim do Mundo. Publicação da UNESP – Marília em parceria com o IBEC – Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos – n° 4, jan/abr 2021. Marília – SP: Universidade Estadual Paulista, 2021.

TROTTA, Felipe da Costa. **Latin American Research Review; Pittsburgh** Vol. 51, Ed. 4, (2016): 86-101

VALADAO, Camila Costa. **Política Social na América Latina: tendências contemporâneas.** Argumentum, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 151–162, 2019. DOI: 10.18315/argumentum.v11i2.19501. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/19501>. Acesso em: 23 set. 2024.

WANDERLEY, L. J. M. **Indícios de racismo ambiental na tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica.** [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Wanderley-2015-Ind%c3%adcios-de-Racismo-Ambiental-na-Trag%c3%a9dia-de-Mariana.pdf>. Acesso em: 20, julho de 2024.